

AUTORES LIVROS

Ano X
Novembro de 1939

Director e redator: MUCIO LEAO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretaria: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO: — Cr\$ 3,00

Volume XI
N.º 11

Varios autores do século XVIII

Albuquerque, Manoel Castano de Almeida e

Nasceu em Pernambuco, e era filho de Manoel Castano de Almeida e Albuquerque. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, e foi nomeado em 1803, juiz de fora da Ilha de Madeira. Em 1813 foi nomeado desembargador da Relação da Bahia; em 1821 passou a desembargador do Conselho Supplicativo; em 1828, a Ministério do Supremo Tribunal de Justiça. Foi deputado por Pernambuco na primeira legislatura (1829-1832), e Senador pela mesma província (1832). Teve o hábito de Ordem de Cristo, o fôro de Cavaleiro. Faleceu nesta cidade em 14 de outubro de 1844.

★

Castro, Domingos Simões da

Nasceu em Paracatu, Minas, em 1746, e foi filho do capitão-mor Manoel Simões da Cunha. Foi advogado e filho de S. Pedro. Escreveu muitas poesias líricas e satíricas e compôs varias musicas. Faleceu a 29 de setembro de 1824.

Escreveu:

Gal-Braz — Comédia. Foi representada.

Poesia dedicada a D. João VI. Foi reunido com uma coleção de poesias, a seu conterrâneo e amigo o Dr. Francisco de Melo Franco para ser publicado no Rio de Janeiro. Como demorasse a publicação, destruiu seus originaes. *Quixote do prebitero indigente*, publicadas na revista mensal, "Biblioteca Brasileira", Rio de Janeiro, 1863, tomo 1, págs. 30.

Das obras que se fazia do chibão de São, sátira — na mesma revista, pag. 33.

Alfama e estimada ninda do meu amado pastor — o rêmio. *João de Melo Franco* — occ. da luthia revista pag. 38. Há ainda na mesma publicação periodica: duas sonetas, oito decimas, duas oitavas (por ocasião de treze dias trovada, ocasionado a morte de um individuo, que dele deixou dois versos latinos).

Quilino Bocayuva publicou em 1860 na "Biblioteca Brasileira" as poesias do padre Simões Cunha, e Manoel de Lima (Coleção de autores mineiros) — Poetas, vol. 1.º, pag. 245) transcreveu um soneto, uma decima e as "Quixotas do prebitero indigente", servindo-se da Rev. do Arquivo Público Militar, ano XIV — 1909, pag. 467. *Bejo Horizonte*. Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1910; "A revista" sem nome do autor, publicada no "Correio da Tarde" (Março de 1858).

Fontes:

Artur Mota — História da Literatura.

Mário de Lima — Obra citada.

Mário de Lima — Esboço da Hist. Litt. de Minas Gerais — página 17.

Revista do Arquivo Público Militar (Indicação supra).

Sacramento Blake — Dic. Bibliog. Brasileiro — vol. 1.º, página 232.

Reodon, Toledo (José Arouche de...)

Nasceu na cidade de São Paulo, Paulo, em 14 de março de 1754, e faleceu na mesma cidade, em 23 de junho de 1834. Tomou parte nas lutas da Independência e foi ocupado em sua provincia. Foi o primeiro diretor da Faculdade de Direito de S. Paulo.

Escreveu:

Elementos do processo civil, procedidos de instrução para os juizes municipais, com anotações remissivas e explicativas acompanhadas da legislação brasileira mais recente sobre a matéria — S. Paulo, 1850. Esse trabalho foi publicado por Manoel Dias de Toledo, com anotações.

Memória sobre a plantação e fabrico de chá — S. Paulo, 1832. Eviduosa a existência dessa memoria.

Pequena memoria da plantação e cultura de chá, sua preparação até ficar em estado de entrar no commercio. — Rio de Janeiro, 1833 — 29 págs. in. 4.º — Foi publicada, depois, no "Auxiliador da Indústria Nacional" (1834), em varios numeros.

Memória sobre as aldeias de indios da provincia de S. Paulo, segundo observações feitas em 1798. Opinião do autor sobre a sua civilização. — Rio de Janeiro, 1824, 35 págs. in. 4.º. Foi escrito em 1823 e também publicada no Rev. do Inst. Hist., tomo 4.º páginas 295 e 317.

Plano em que se propõe o melhoramento da sorte dos indios, reduzindo-se a frequencias as suas aldeias e extinguindo-se este nome e esta antiga separação, em que tem vivido há mais de seis séculos — 1802. O Instituto Hist. e Geog. Brasileiro possui uma cópia de 51 páginas.

Fontes:

Artur Mota — História da Literatura — 2.º.

Amaral Gargel (Dr. M. J.) — Revista do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro tomo 5.º.

Azevedo Marques (M. E.) — Apontamentos históricos da provincia de S. Paulo, tomo 2.º.

Incincto Ribeiro (José) — Cronologia Paulista — 1.º vol., página 311.

Sacramento Blake — Dic. bibliog. brasileiro — 4.º vol., página 317.

★

Feijó, Francisco Xavier

Este autor vem mencionado no Dicionário de Blake. Supõe o biógrafo ter nascido o poeta em Pernambuco, e sabe que ele vivia em 1775. Era monge beneditino. Das suas obras restam apenas um soneto, uma ode e algumas decimas, em estilo loco-sério. Encontra-se na "Coleção das obras feitas aos felicissimos anos do Ilmo. e Exmo. Sr. José César Menezes, governador e capitão general de Pernambuco, na sessão académica de 13-5-1778, oferecida por António Gomes Pacheco, presidente secular".

Uma das suas produções vem reproduzida no *Mosaico Pernambucano* de F. A. Pereira da Costa, p. 202.

A Coleção foi segundo S. Blake, publicada em 1884, no livro *Excursões, etc.*, por F. P. do Amaral.

Fontes:

— A. Mota — *História da Literatura* — 2.º vol., página 148.
— S. Blake — *Dicionário*, 3.º volume.

★

Feijó, João da Silva

Nasceu no Rio de Janeiro em 1760, e não no Ceará, como alguns biógrafos dão. (A rectificação é de Blake.) Formou-se em Matemáticas e serviu no Corpo de Engenheiros até o posto de Coronel. Foi secretário do governo da Ilha de S. Tiago do Cabo Verde, e ali prestou favores aos brasileiros condenados ao degredo por causa da Inconfidência Mineira. Foi lente da Academia Militar do Rio de Janeiro. Pertenceu à Academia das Ciências de Lisboa, e foi acatado naturalista. Faleceu no Ceará a 9 de março de 1824.

Escreveu:

Preâmbulo ao Ensaio filosófico e politico sobre a Capitania do Ceará para servir à sua história geral — Rio, 1810.

Memória económica sobre a ração do gado lanigero da Capitania do Ceará, etc. — Rio, 1811, 38 páginas. Foi publicada no Auxiliador da Indústria Nacional, 1842.

Memória sobre a fábrica real de anti da Ilha de Santa Antão. Nas Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, to. 1.º, 1780.

Ensaio politico sobre as Ilhas Cabo Verde. Idem, 1.º.

Memória sobre a urzela do de Cabo Verde. Idem, idem.

Informação no Officio de Pedro Xavier de Brito, sobre quatro minerais do Ceará, Ceará 31 de outubro de 1814. Original in. fol. de 5 folhas, no Arquivo Militar.

Memória sobre as minas de ouro do Ceará. Inédita. Mencionada pelo Dr. Caminho em sua Botânica, o qual também se refere a uma "Flora" inédita e uma "Coleção descriptiva de plantas da capitania do Ceará", oferecida a S. A. a princeza D. Maria I.

Carta tipográfica do Ceará à Ilha do Salpêtré, descoberta no sitio da Tatujuba na distância de 56 leguas da villa da Fortaleza — 1800 (0.m 175X0.230m). O original se acha na Bib. Nacional (n.º 2.177 do Cat. da Exp.).

Carta demonstrativa da capitania do Ceará, para servir à sua História Geral. — 1809 (m.0.524X0.740). O original se encontra no Arquivo Militar. (n.º 2.175 do Cat. da Exp.).

Planta demonstrativa da capitania do Ceará, para servir de plano à sua Carta Topográfica — 1810 (0.413X0.536). O original se acha no Arquivo Militar e encontra-se uma cópia na Secretaria das Relações Exteriores.



Manoel Castano de Almeida e Albuquerque, o famoso jornalista do "Reverbero Constitucional Fluminense". Foi um dos que primeiro sistematizaram os estudos de nossa história literária. O seu "Parnaso Brasileiro" é de 1829.

SUMÁRIO

Páginas 113 e 114:

- Vários autores do século XVIII:
- Manoel Castano de Almeida e Albuquerque
- Domingos Simões da Cunha
- José Arouche Toledo Reodon
- Francisco Xavier Feijó
- João da Silva Feijó
- Francisco de Melo Franco
- Baltazar da Silva Lisboa
- Manoel Aires do Casal
- José Vieira do Couto

Páginas 115:

- José do Patrocínio Filho, de Mucio Leão

Página 116:

- A *Lebrarda do Focão*, de José do Patrocínio Filho

Páginas 117 e 118:

- O dia do "Fico" e a idéa da República, de Sergio Ve. Vellozo

Página 119:

- O *Último Petróleo*, de Mucio Leão
- *Carta a Mucio Leão*, de Mario Araújo
- *Soneto Regina*, (Nota biográfica)
- *Poesias de Sonia Regina*
- *In memoriam de Franklin Roosevelt*
- *Sonata ao Luar*

Página 120:

- *Stela Leonards de Silva Lima* (Cabeça (nota biográfica))
- *Bibliografia de Stela Leonards*
- *Canção de Amor*
- *Lenda Joana Tapana*

por mais de 120 páginas. Castro Alves não mereceu mais de onze. Em compensação Melo Moraes Filho recebeu 43 páginas; Luis Guimarães Filho 19, Luis Delfino também 19. Se a maior ou menor extensão dos estudos de Silvio omero pudesse valer como um critério inicial para a verificação do mérito de um autor, Castro Alves estaria então abaixo, e muito abaixo, dos nomes que acabamos de mostrar.

O *Reino da Estupidez* — não é mais do que uma sátira contra Portugal, contra os absurdos preconceitos, os atrozados do ensino, nas terras portuguesas no tempo em que o autor cursava a Universidade de Coimbra. "A mole estupidez contar pretendo, que da distante Europa desterrada na Lusitânia vem fundar seu Reino". Este é o argumento do poema. Pinta-nos então o poeta a Estupidez vivendo afastada, expulsa que fora da Europa por Minerva. Apela para os seus irmãos, o Fanatismo, a Hipocrisia e a Superstição, e lhes mostra o quanto está infeliz por não possuir mais situação nem reino. Os três deliberam então conquistar novo troco para ela. Vão primeiro à França, mas nada obtêm; passam à Inglaterra, e ali também nada conseguem. E é então que um outro poder sinistro a Realva — lhes lembra as Espanhas. Eles aceitam o alvitre, e das terras das Espanhas dão preferência a Portugal. E assim que a Estupidez vem, instala-se em Coimbra sob o apiaio dos mestres e dos alunos, com a admiração, o fervor, a adoração deles. O poema se encerra com a festa que na Universidade é tributada à Deusa, e com as expressivas palavras que

(Continua na página seguinte)

VARIOS AUTORES DO SÉCULO XVIII

ela dá a todos discípulos e professores:

Em paz gozai
Da minha proteção e meu amparo.
Eu gostosa vos lanço a minha
benção;

Continuai como sois, a ser bons
Filhos.

Que a mesma, que hoje sou, hei
de ser sempre.

O Reino da Estupidez parece ter sido escrito no ano de 1785. Na biblioteca Eborense existiam três cópias manuscritas do poema, e em uma delas se declarava ser seu autor Fabricio Claudio Lucrécia, saído da Academia dos Observadores. Diz-se que Melo Franco, nele teve a colaboração de José Bonifácio. E sabido, aliás, que a este outro brasileiro foi em princípio atribuída a autoria da obra.

O Reino da Estupidez se tornou conhecido nos ambientes universitários portugueses em cópias numerosas, que mantido o anônimo, dele se lieram. Em 1785, quando foi escrito, o reformador reitor era o Príncipe Mendonça; no ano seguinte foi substituído pelo Príncipe Castro. Esses dois e os seus colegas ínticos acharam-se ofendidos no poema. Houve perseguições contra os possíveis autores da sátira. Ricardo Raimundo Nogueira e Antônio Ribeiro dos Santos estiveram entre os perseguidos. Contra os que eram dados como possíveis autores surgiram a autoria dos alunos chegados aos lentos outros poemas satíricos. Inocência se refere a uma dessas sátiras, a qual trazia esse título: "O Reino da Estupidez dos adoradores da Estupidez", por Patrício Prudente Calado. Logo depois, porém, e muito antes da primeira edição da obra (1818) já todos sabiam que o seu autor era Melo Franco.

José de Arriaga procurou mostrar que Melo Franco tinha cometido uma grande injustiça contra a Universidade, a qual, exatamente na ocasião em que a formou o nosso pátrio, cobrava novo ânimo e novos fulgores, merecia das reformas liberais iniciadas por Pombal.

O Reino da Estupidez não deixa de ser também um curioso documento do estilo do autor. Ele ama o pitoresco, e tem às vezes verdadeira graça nas expressões que encontra. Falando dos mestres universitários chama-os ruidosos e nutridos Bacos; encontra um emprego excelente para o verbo engrasar: a saúde da Deusa grande copos de bom vinho engrasaram...

A sátira de Melo Franco deve ser contada entre os mais expressivos poemas do gênero ainda escritos em nosso país, e colocado próximo das *Cartas Chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga.

Fontes:

— Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 2.º volume.

— Abreu Lima — *Bosquejo Histórico, político e literário do Brasil*.

— Alfredo Gomes — *História Litt.* Introd. Dicc. Hist. — vol. 1.º pag. 1.340.

— Antônio de Sant'Ana — *Dissertações teológicas*.

— Canto e Melo — *Tese Inaugural* — 1822.

— Chichorro da Gama — *Miniaturas biográficas* — pag. 99.

— Chichorro da Gama — *Breve disco*, de autores clássicos — pag. 5 e Rev. de Ling. Portuguesa, 15, pag. 142.

— Cruz Jobim (Dr. J. M. da) — *Revista do Instituto Histórico* — tomo 5.º pag. 345.

— Fernandes Pinheiro — *História Literária* — 2.º vol. pag. 420.

— Inocência da Silva — *Dicc. Bibliográfico* — 3.º vol. pag. 10.

— Laudelino Freire — *Clássicos Brasileiros* — pag. 129.

— *Crônica Litt. da Nova Acad. Dram.* — Coimbra tomo 1, página 205.

— Mário de Lima — *Esboço da Hist. Litt. de Minas Gerais* — página 16.

— Mário de Lima — *Coletânea de autores mineiros* — Poetas 1, página 207.

— Pereira Rego (Dr. José) — *Esboço histórico das epidemias que tem reinado na corte*.

— Pereira da Silva — *Os varões ilustres do Brasil* — 2.º vol., página 183.

— Pórtio Azeite — *Revista do Inst. Hist. suppl.* — tomo 1.º pag. 149.

— Sacramento Blake — *Dicc. bibliográfico brasileiro* — tomo 3.º pag. 44.

— Silvio Romero — *Hist. da Litt. Brasileira* — 1.º vol., pag. 220.

— Silvio Romero e João Ribeiro — *Compêndio da Hist. da Litt. Brasileira* — pag. 74.

— Teófilo Braga — *Hist. da Litt. Port. IV* — Os arcades pag. 354.

— Varuhuyen (F. A. de) — *Introd. do "Florilegio da poesia brasileira"*.

— Lisboa, Baltazar da Silva (1761-1840)

Baltazar da Silva nasceu na cidade da Bahia em 6 de janeiro de 1761, e era filho de Henrique da Silva Lisboa e D. Helena de Jesus e Silva. Era o irmão mais moço de José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairó.

Na sua provincia fez os estudos de humanidades. Em 1775, a expensas do bispo D. Francisco de Lemos, Pereira Coutinho, partiu para Portugal, indo estudar na Universidade de Coimbra. Ali, em 1783, tomou o grau de doutor em Direito Civil e em Direito Canônico. Logo recebeu a incumbência de examinar as minas de chumbo da vila de Coja e as minas de carvão de Buscos. De ambos os trabalhos desincumbiu-se satisfatoriamente.

Veio para o Rio de Janeiro com o cargo de juiz de fora. Tendo entrado em luta com um ajudante de ordem do Marquês de Resende, incorreu no desagrado desse poderoso senhor.

Em 1821 foi acusado de opor-se à constituição das cortes portuguesas; em 1823, foi acusado de contrário à Independência do Brasil. Saiu-se muito bem no rebater essas duas acusações — tão bem que Pedro I. o distinguiu com o título de membro do seu conselho, e em 1827 o nomeou professor da Faculdade de Direito de S. Paulo. Desse cargo pediu Lisboa depois exoneração.

Foi ele ainda ouvidor da Comarca de Ilheus na Bahia e conservador das matas dessa mesma comarca. Finalmente foi nomeado desembargador da Relação da Corte.

Era comendador da Ordem de Cristo e do Conselho do Imperador D. Pedro I. Pertencia à Academia das Ciências de Lisboa e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Faleceu nesta capital, em 14 de agosto de 1840.

Sua bibliografia encontra-se em Blake, vol. 1.º.

Acrescenta-se:

— *Anais do Rio de Janeiro. Contando a descoberta e conquista deste país, a fundação da cidade, com a história civil e eclesiástica, até a chegada d'El D. João VI, além de notícias topográficas e botânicas por...* Tomo I — *Obra reeditada pelo serviço de Museus da Cidade do Departamento da Secretaria Geral de Educação e Cultura*. Impressa nas oficinas gráficas do Serviço de Aparelhamentos do Departamento de Prédios e Aparelhamentos Escolares, 1941, 135 páginas.

Fontes:

— Haroldo Pitranhos — *História do Romantismo no Brasil* — vol. 1.º.

— Sacramento Blake — *Dicc.ário Bibliográfico* — vol. 1.º — pag. 376.

— Silvio Romero e João Ribeiro — *Manual de História da Literatura Brasileira*, p. 135.

— *Velho Sobrinho* — *Diccionário bibliográfico brasileiro*, 2.º volume, p. 49.

— *Casal Aires de (Manuel...)*

Não se sabe ao certo onde nasceu este autor. Inocência o diz nascido em Portugal e esta parece a opinião mais razoável. Pereira da Silva o inclui entre os seus "Varões Ilustres do Brasil". Melo Moraes lhe dá por berço a vila de cachoeira, na Baía; Sacramento Blake o estuda em seu *Diccionário*.

Parece ter nascido em 1754. Viveu muitos anos no Brasil, e foi um apaixonado da natureza americana. Regressou para Lisboa em 1821, acompanhando D. João VI. Faleceu logo depois. Era presbítero secular de Grão Priorado do Crato.

Escreveu:

— *Geografia Brasileira ou Relação histórico-geográfica do reino do Brasil, composta e dedicada a Sua Magestade Fidelíssima por um Presbítero secular do Grão Priorado do Crato*. Rio de Janeiro. Imp. Régia, 1817, 4.º, 2 tomos com XI 420 págs. e IV-379 páginas; o segundo volume tem no fim mais três págs. in. com a errata.

— *Nova edição correída e emendada*. Rio de Janeiro, na Tip. e Cia, 1833, 8.º, 2 tomos de 354 e 335 págs. com uma carta do Rio de Janeiro.

Diz Valf Cabral, a propósito dessa edição: "A Casa Laemmert, fazendo mais tarde aquisição do resto desta edição, deu-lha nova folha de rosto, com indicação de segunda edição, trazendo os nomes dos supostos editores e a data de 1845" (*Anais*). — *Corografia Brasileira*, — 2 vols. Série Brasileira das Edições Cultura, S. Paulo, 1947.

— *Corografia Brasileira*. Fac-símile da edição de 1817. Introdução de Celso Prado Júnior. Instituto Nacional do Livro. Coleção de Obras Raras, II, Tomo I. — Rio de Janeiro, 1948. Imprensa Nacional, XL-12-428 ps. Errata.

— *Corografia Brasileira, Tomo II*. Fac-símile da edição de 1817. Coleção de Obras Raras, II — Instituto Nacional do Livro, Imprensa Nacional, Rio, 1947, 379 págs. mais três de errata.

— *Introdução da Geografia Brasileira, da parte que trata de Bahia, composta por um presbítero, etc. e mandada imprimir para instrução da mocidade brasileira por um professor da mesma Bahia*, 1826, in 4.º. É parte da *Corografia*.

— *Notice sur les Capitaines de Pará et Solimões au Brésil*. In *Nouveaux Annales des Voyages*, tomo 9.º 1821. Idem.

— *Couto, José Vieira do*

Nasceu no arraial do Tijuco, hoje cidade de Diamantina, em 19 de agosto de 1752, e era filho de Manuel Vieira do Couto e D. Tezera do Prado. Foi o avô materno de José Vieira Couto de Magalhães, o autor de *O Selvagem*. Formou-se em Coimbra, em Filosofia e em Matemáticas, sendo ali contemporâneo de José Bonifácio e Bittencourt e Sá.

Voltoou ao Brasil muito antes deleis, que se demoraram quasi um decênio na viagem científica através da Europa; voltou em 1788, encarregado que fora pelo governo português de proceder a

exames mineralógicos em toda a comarca do Serro Frio.

Faleceu em 15 de setembro de 1827, na sua fazenda do Gavião, distante dez léguas do Tijuco. A seu pedido, foi sepultado de baixo de uma árvore. Alguns anos depois, suas relíquias mortais foram dali retiradas, para serem depositadas na capela de N. S. do Carmo de Diamantina.

A biografia de José Vieira do Couto tem sido frequentemente alterada, por confusões que se estabelecem entre ele e os seus dois irmãos, José Joaquim Vieira do Couto e Joaquim José Vieira do Couto.

Com referência a José Joaquim, sabe-se o que se segue, e que é narrado por J. Felício dos Santos em suas *Memórias do Distrito Diamantino*.

Nomeado intendente das minas em 1795, o Dr. João Inácio do Amaral Silveira estabeleceu um regime despótico e violento, que o povo do Tijuco, vítima de tantas crueldades anteriores, não podia suportar. Adotou-se então o plano de enviar um mensageiro a Lisboa, para relatar de viva voz ao príncipe regente as anomalias que estavam ocorrendo no Brasil. Para essa comissão foi escolhido José Joaquim Vieira do Couto, que era de redação de seu irmão, o Dr. Couto. Informado do plano, o intendente João Inácio procurou por-se-lhe. Mas foi inutil; viajando ao de noite, escondendo-se nas matas o mensageiro conseguiu deixar a comarca. Chegou ao Rio, tomou o paquete, alcançou Lisboa. Foi recebido pelo príncipe, a quem expôs a situação de Minas. Teve contato com outros brasileiros residentes em Lisboa, e entre estes com Hipólito da Costa com quem estava de acordo nas ideias relativas à Independência do Brasil. Certo dia foram os dois brasileiros presos e metidos nas masmorras da Inquisição. José Elói Ottoni, que se achava naquele tempo em Lisboa e era primo dos Vieiras Coutos, procurou intervir em favor do seu parente. Procurou um dos inquisidores, e com ele conversou. Teve esta resposta:

— *O Couto e o Hipólito são capazes de revolucionar o reino, e o que é mister é conhecer-se-lhes os amigos.*

Os dois brasileiros permaneceram no cárcere até 1807. Nesse ano Junot invadiu Portugal à frente de 8 mil homens. A corte portuguesa fugira para o Brasil. O general francês, único senhor de Lisboa, mandou abrir os cárceres da Inquisição. Livres os dois, Hipólito partiu para Londres, indo redigir o *Correio Brasileiro*. José Joaquim aproximou-se de Junot. Diz-se que o general francês o recebeu com estas palavras:

— *Eu já o conhecia, senhor Couto. Sei que o seu crime é ser maçom. Mas maçom também é o Imperador, meu amo.*

Diz Felício dos Santos que, algum tempo depois, quando os por-

tugueses trataram de recuperar a liberdade, o nosso pátrio foi assassinado, juntamente com alguns franceses. Não será isso, pois aquele outro Vieira Couto, que segundo Blake, Varnhagen, Inocência, Teixeira de Melo e Inocência são como falecido no Rio Terceira, em 1811.

Outra confusão que se tem feito é de José Vieira do Couto com o seu irmão, o cadete Joaquim José Vieira Couto. Este foi, com o pai, padre Rolim, um dos companheiros de "bradentes na aventura da Inconfidência". Descoberto pela lei, foi ele perseguido. Diz Felício dos Santos: "Da família Couto, o cadete Joaquim José Vieira Couto foi o único perseguido. Faleceu no Tijuco, pouco tempo depois, vítima de uma enfermidade, que contraiu na cadeia de Vila Rica. Foi enterrado com um ramalhete de rosas brancas na mão, recebido das insignias maçônicas de grau de mestre."

Escreveu:

— *Memórias sobre as minas de ouro naturais de Monte Roripo e manei- ras de auxiliá-las por meios das artificiaes; refinarias do nitro de potassa ou salitre*. Escrita em 1803. Rio de Janeiro, Imp. Régia, 1809, 61 págs. in. 4.º. Em appendice dá o "Itinerário mineralógico", observado na ocasião da diligência de Monte Roripo. Foi publicada, também, no "Anuário da Indústria Nacional", em 1848 (n.º 11, 990 do Catálogo da Exposição).

— *Memórias sobre as minas de capitania de Minas-Gerais* — suas descrições, ensaio e domicílio próprio a maneira de intinar-las; com um apêndice sobre a Nova Lorena Diamantina, etc. — Rio de Janeiro, Tip. Universal de Lammert, 1842. VIII — 160 págs. 2.º gr. — Foi publicado sob os auspícios do Instituto Hist. (Número 11, 934 do "Catálogo da Exposição").

— *Memória sobre a Capitania de Minas-Gerais*, seu território, clima e produções metálicas, sobre a necessidade de se estabelecer e animar a mineração indígena do Brasil; sobre o comércio exportação de metais e interesse régio. Com um apêndice sobre os diamantes e nitro natural. Tudo por ordem de Sua Magestade. — Ano de 1799. Manuscrito in-folio de 194 pp., reproduzido em — *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro*, tomo XI, (1848) pag. 2898.

Foi traduzida para o inglês e publicada em — *The Science Library of the Victoria and Albert Museum*, — London, Sept. 25, 1904.

— *Extratos de uma viagem a Indaiá, acompanhados de uma memória sobre as minas de Antofagasta*. — Saiu no *Recreador Mineiro*, 1, 2.º (1845).

— *Memória sobre as Minas de Cobalto da Capitania de Minas Gerais*, etc., escrita por ordem de S. A. R. 1805.

"SÃO PAULO"
COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA

Sursural no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 10.º

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker
Dr. Erasmo Teixeira de Assunção
Dr. J. C. de Macedo Soares

JOSÉ DO PATROCÍNIO FILHO

Nasceu nesta cidade, cremos que em 1886, e era filho de José do Patrocínio e D. Henriqueta (filha do Patrocínio). Pertenceu ao corpo de funcionalismo do Itamarati. Achava-se na Holanda, durante a primeira Grande Guerra, e dali retirou-se em 1917, indo para Londres, de onde deveria partir para o Brasil. Foi então denunciado às autoridades inglesas como agente de espionagem, e encarcerado na prisão de Reading, onde, ao que narra, ameaçado de uma condenação à morte, mas logo após à sua liberdade, regressando ao Brasil. Colaborou em vários jornais e revistas, como a *Revista de Notícias*, a *Estação Teatral*.

Relacionando-se aos assuntos do teatro e do cinema, tentou criar em nosso país aquilo que chamamos *patrocínio-filho*, e cuja forma única era em seu tempo, a revista *Film*. Foi a nota relativa ao escritor que foi campada na *Estação Teatral* do dia 2 de julho de 1916.

Vagava como o descreveu o seu amigo Alvaro Moreira:

"Vagabundo era um grande ator. Um grande ator brasileiro. Nunca saiu o papel. Andava sempre impudendo. Os vários pontos que teve punham as mãos na cabeça desanimados de soprar o tal certo. Sorria desses funcionários da sombra. Criava. Surpreta. Balbúrdia. Os espectadores ficavam tontos, delirantes, não compreendiam. Não compreendiam que era José do Patrocínio Filho que estava assistindo. E eram atos que estavam representando. A morte acompanhava-o com covardia. Se não fosse por uma doença que o estarreceu todo, não vê que a noite levava aquele homem mais fino do que um lapis, mais rápido do que uma alegria! A morte chegava, José lhe oferecia um cigarro da caixa que lhe tinha marcado o Príncipe de Gales ao seu lado, presente da Rainha da Sardenha, principiava a conversar à beira da boca, os braços magríssimos acabando no ar as histórias esparramadas... Enganava a morte como enganou a vida. A vida queria que ele fosse um homem mau. Ele foi um dos melhores homens do mundo. Trufoamente. O vagabundo" (A vida é de cabeça baixa. In "Autores e Livros").

Bibliografia

- *A Sinistra Aventura* (Reminiscências das Prisões Inglesas) — Benjamin Costalat e Miccolis — Betim — Rio.
- *Mundo, Diabo e Carne* — Benjamin Costalat e Miccolis — Rio.
- *A Besta do Gesso* — A Estação Teatral — 14-1-1911. Vem seguindo com o pseudônimo do autor que é Antônio Simples.

PATROCÍNIO FILHO

Márcio Leão

Enfrendo umas páginas do *Diário* de André Rebouças encontro esta referência relativa ao dia 1 de Janeiro de 1886 — Na freguesia de S. Caetano, servindo de padrinho a José do Patrocínio Filho. E a sugestão da nota de Rebouças leva-me a uma ligação para aquele magro, agudo e feliz, aquele demônio que fez a criança a quem o illustre magro batizou na Matriz de S. Caetano.

Muito de longe, certimoniosamente, quando José do Patrocínio Filho, filho de um dos homens de maior destaque de uma geração, e isso por vários motivos. O primeiro desses motivos era ser filho do diretor da *Gazeta da Tarde* e da *Cidade do Rio*, filho daquele que ficou sendo o verdadeiro representante da alma libertadora do Brasil. O segundo motivo é que Patrocínio Filho — o Zeca das mirabolantes histórias em que ele aparece sempre como um herói presencioso, como uma espécie de príncipe fugido — tinha realmente um invejável talento de jornalista e de escritor. E o terceiro motivo,

o mais forte de todos, fora o episódio notório de sua prisão na Inglaterra de 1917, aquilo que ele chamou a sua *sinistra aventura*.

Era Patrocínio Filho um espírito rico de imaginação, um criador de situações, e por isso nos será agora difícil discernir o que houvesse de verdade e o que houvesse de fantasia, no triste episódio de que ele foi vítima. Reunindo o que ele próprio disse, resumindo tudo, parece que o seu drama, foi, antes, o resultado de uma estúpida conjuração de circunstâncias, em todo contrárias a ele.

Era Patrocínio Filho auxiliar de consulado em Amsterdam, quando, em 1917, por virtude da guerra, as condições de vida se tornaram singularmente graves para os funcionários diplomáticos ou consulares do Brasil na Europa. De acordo então, com os chefes da representação brasileira na Holanda — o Dr. Guerra Duval, que era o ministro, e Dr. Gonzaga Filho, que era o conselheiro — Patrocínio Filho deliberou partir para o Brasil. Viria aqui dar o seu depoimento acerca de tudo o que vira e, provavelmente, advogar melhoria de situação, pois o preço da vida na Holanda havia aumentado, em relação ao ano anterior, de 60%. Tinha, porém, de fazer a sua viagem via-Inglaterra, pois a navegação direta da Holanda com o Brasil se achava suspensa.

Ao chegar a Londres, porém, foi detido como espião. E por que motivo?

Aqui é que entramos no terreno do mais vago, do mais fantasista, do mais luso-romantismo...

Patrocínio Filho diz que pesava sobre ele a acusação de ter igualmente escondido em sua gaveta de funcionário consular o passaporte de um determinado sujeito. Esse passaporte fora, por distração sua, entregue às autoridades inglesas, que naquela ocasião eram severíssimas. Juntou-se a isso outra circunstância muito grave: um certo passageiro do navio que transportou o Zeca da Holanda para a Inglaterra declarou ter ouvido do escritor brasileiro a confidência de que ia a Londres a fim de obter informações secretas do governo inglês para as transmitir ao governo alemão... E houve, também, o episódio da Mata-Hari, a sedutora bailarina, a espiã, com a qual Patrocínio Filho conta com uma abundante, volutuosa contribuição de minúcias, que teve deliciosos amores...

Verdade tudo isso? Verdade só em parte? *Blague* tudo? Tudo fantasia? — Como o sabemos quando lidamos com um magro um feiticeiro, um demônio, com era Patrocínio Filho?

É possível que ele tenha sido vítima de sua maravilhosa, riquíssima fantasia. Ia a bordo de um navio em que não conhecia ninguém, era gostoso tomar um uisque e contar ao companheiro eventual de mesa umas histórias que o fascinavam que lhe metessem a inveja na alma... E eis o Zeca em seu terreno infinito, criando suas infinitas novelas... Indivíduo desprovido de malícia, e só vendo em tudo o grande serviço que poderia prestar à polícia inglesa, o companheiro eventual da mesa saiu de bordo diretamente para ir levar a denúncia eficaz às autoridades.

Não é uma hipótese que aventureiro. E se assim posso dizer a certeza, deduzida de tantos outros episódios da vida do Zeca. Nunca ninguém se divertiu tanto quanto ele, com o inventar enormidades políticas e sociais.

Por exemplo: Achava-se ele certo dia, na sala de redação da *Pátria*, jornal em que então trabalhava, e a um grupo de companheiros, entre os quais se contavam Bezerra de Freitas e Breno Pinheiro, começou a narrar uma história formidável. Narrava que se achava certa noite num clube creio que de Monto Carlo e estava ganhando uma fortuna colossal. Tudo, em frente a ele, na

mesa, era ouro, ouro e mais ouro. De repente vê aproximar-se um rapaz louro e simpático que lhe toca no ombro e lhe diz: — "Quer emprestar-me mil libras?" Ele atendeu ao pedido com presteza.

Voltando-se para os companheiros mais próximos o Zeca perguntava: — Serão vocês capazes de adivinhar quem era que assim me pediu aquelas mil libras?

E ante o silêncio dos amigos: — Pois era nada mais nada menos, do que o Príncipe de Gales.

...

Blagues outras desse mesmo esplendor ouviram todos os amigos de José do Patrocínio Filho. Seu aneddotário, nesse terreno, é fértil e numeroso.

Foi naturalmente alguma coisa desse gênero — histórias em que andariam interessados a Mata-Jorge V, Clemenceau, Wilson, o Hari, o Krompkins, Guilherme II etc. — o que é decerto inventado para os ouvidos atônitos do seu interlocutor ocasional.

O que é certo é que, no decorrer do interrogatório a que foi submetido pela justiça britânica, Patrocínio Filho verificou que o tal homem o que o denunciara como espião, sabia infinitas coisas. Sabia, por exemplo, qual o preço pelo qual iam ser vendidas ao governo alemão as informações que ele, o nosso patriota, ia arranjar com o governo inglês. E verificou, também, que o minuciosíssimo homem estava seguro de que o nosso patriota, para a maior eficiência do seu serviço, possuía trinta secretas alemãs... E licito perguntarmos: — Seria aquilo realmente uma simples invenção do denunciador, como o Zeca pretende que tenha sido; ou seria que o Zeca, com a fecunda imaginação que Deus lhe deu, havia inventado, é mesmo todo aquele episódio recamboloso?

Eu me inclino à segunda hipótese. E creio que todos os que conheceram Patrocínio Filho se inclinariam também para ela. Como quer que fosse, acredito que Patrocínio Filho estava tão longe de ser espião como nós estamos longe da estrela Algori.

Não será essa, pois, a do traidor à Inglaterra — é, pois, ao Brasil, já naquele momento irmanado com a Inglaterra — a imagem que dele há de permanecer em nossos olhos. A imagem dele — "mais fina do que um lapis mais ligeira do que uma alegria", como a viu Alvaro Moreira — a imagem dele a que há de definitivamente ficar em nosso espírito, refletida em nossa literatura, é a de um romancista de primeira ordem que passou sem deixar seus romances, a de um poeta de riquíssima fantasia que não soube criar seu poema, em suma, a de um grande escritor, que não teve tempo para escrever seus livros...

II

José do Patrocínio Filho deixou narrada em crônicas da *Gazeta de Notícias*, a história de sua prisão na Inglaterra — aquilo que ele chamou de sua *Sinistra aventura*. Como sabem os que já tiveram ocasião de ler este pitoresco livro — que foi editado em 1923 por Benjamin Costalat e Miccolis — o Zeca inicia a sua narrativa no momento em que, a bordo do *Pe-regresse*, um pequeno *steamer* de carga e passageiros, se dirige de Rotterdam para a Inglaterra, de onde deveria partir para o Brasil. Nesse primeiro momento de bordo vendo-o sentado a uma mesa de jogo com um grupo de outros passageiros, todos funcionários diplomáticos do governo belga. Um desses passageiros, o capitão Emile Reul, era corraio diplomático. Patrocínio Filho achou-o irritante pela maneira como aprovoava as suas convicções de um emagamento próximo da Alemanha, e com ele discutiu, havendo entre os dois, visíveis suspiros recíprocos de espionagem e tração. Foi essa conversa que o levou logo



José do Patrocínio Filho, num traço de Armando Pacheco

depois a Scotland Yard. Ali, na prisão inglesa, foi ele acareado com o capitão Reul.

...

Veja-se este exemplo.

— A página mais intensa, a mais comovida, a mais forte da *Sinistra aventura* é o capítulo intitulado *A Labareda do Pecado*. Nele, Patrocínio conta que se achava na prisão de Reading, quando um dos seus companheiros de infortúnio, o Barão de Tylligheim, falando-lhe sobre explosões, lhe anunciou a execução de Mata-Hari. Ele obteve, por empréstimo do Barão, os jornais de Paris que narravam o fuzilamento da dançarina. Fez-chou-se no seu cubículo a vê-los. E enquanto os lia, tinha a evocação nítida da linda e atraente mulher.

Conta, então, que certo dia, sozinho, chegara a Amsterdam. Fora a um café-concerto, e ali vira, com um deslumbramento, dançar a Mata-Hari. Três dias mais tarde estava ele no quarto dela — e como se amaram desde então! Mas esse amor tinha laços de fúria e ódio. Quando ele se exaltava em seus ciúmes, esbofetava-a sem piedade. Ela rolava nos tapetes. E ao levantar-se, nos lábios a deliciosa exclamação — *Baby!* — o desejo que os unia era era mais profundo, era mais louco! Tudo isso conta Patrocínio Filho, e de maneira tal o faz, que lidamos sem saber se o intuito dele é dar um depoimento real, em que a verdade nuamente fale, ou se é apenas fazer um conto, lavar uma bela página literária de aliçadoras seduções sensuais...

Seja qual for o seu intuito, uma coisa é verdade — uma coisa que nos aconselha, desde logo, a pôr de lado qualquer valor de depoimento que pudesse ter a página em que ele refere as relações que teve com a Mata-Hari. É que

essa mesma página, em que descreve a dança da espiã, fora por ele muitos anos antes, publicada num jornal carioca...

...

Foi Raimundo Magalhães Júnior quem chamou a minha atenção para o fato, e eu pude precisá-lo. Existiu no Rio de Janeiro, nos anos de 1910 e 1911, um jornal intitulado *A Estação Teatral*. Tinha como redatores Renato Alvim, Carlos Leite e Gastão Pereira; como diretor artístico, Alberto Cardoso.

Nas suas colunas de colaboração encontraram-se nomes de rapazes desconvidos e irreverentes. Domingos Ribeiro Filho é, talvez, o mais frequente desses colaboradores, e em certa fase publica uma série de estudos críticos — *Sensamento da Cidade* — em que aponta os altos valores de então, Silvio Romero, Coelho Neto, Alberto de Oliveira, Olyvo Bilac, como desprezíveis mediocridades. Nas colunas da *Estação Teatral* apareceram trabalhos de Felipe de Oliveira, Alvaro Moreira, Olegário Mariano, Adolfo Bergamini, Costa Rego, Bastos Tigre, Lima Barreto, Astrogildo Pereira, etc.

Um desses colaboradores é José do Patrocínio Filho que, naturalmente para não empanar a glória do nome paterno, assina seus trabalhos em prosa com o pseudônimo de Antônio Simples. Porque um seu trabalho em verso, que na *Estação Teatral* encontrei — (22 de outubro de 1910) — traz o seu nome verdadeiro. É a interessante *Cuação* que a seguir transcrevo, a qual aparece com a indicação de que pertence ao volume intitulado *Suave Milagre*. Eis a canção de Patrocínio Filho:

Que longas são as estradas
São tristes, são empoçadas,
Pra quem não sabe onde vai...
Que longas são as estradas
Compridas e desoladas
Como um ali!
O campo, a vila, a cidade
(Continua na página 118).

A LABAREDA DO PECADO

PATROCÍNIO FILHO

Foi terça noite aí em Reading, que eu soube da morte de Matta-Hari.

Conversamos sobre experiências de espíões em França, quando o barão de Tyllighem acrescentou o nome deia à lista dos mais célebres condenados.

— Mataram-na? — interroguéi atônito e comovido.

— Há mais de um ano! Você não lê? Não lê? Na Holanda, poucos jornais franceses se encontravam e raramente chegavam a notícia desse orden.

Senti tornar-se-me a vista: Dei-me cair num banco, cubisbono.

— Ela era uma espía?

— Ficou pródigo. Foi ela quem denunciou aos alemães a invenção das lanks e anulos, com as informações que lhes deu, o êxito da primeira ofensiva dessas máquinas de guerra.

— Matta-Hari?

— Sim... Mas que tem você... Está tão pálido... Conheceu-a?

— Si a conheci!

— Pois si a interessa, posso emprestar-lhe os jornais que narram o seu julgamento e a sua execução.

— Foi fidedigna?

— Como qualquer espía...

Dai a pouco, fechei-me no meu cubículo e pur-me a ler avidamente as notícias de todo o seu processo.

Era um líbio emaranhado e horrível de adocia, de inconsciência e de ambição. Mas pouco a pouco, lendo o truçulento fim dessa creatura tragica, recordei-me da aventura que nos unira, por um momento.

Noite...

— Onde hel de eu ir? — pensei erguendo-me da vasta poltrona de couro em que me enterrara, depois de jantar, no hall da Vitória-Hotel.

Chegaria só, na véspera, a Amsterdã, onde não conhecia ninguém. Nem compromissos, nem amigos. O insustentável direito de usar de mim e do meu tempo, como melhor me parecesse. E, naturalmente, exotando-me de casa, essa atracção hipnótica que sobre todos exercem as ruas de uma cidade desconhecida.

Abril.

Apesar desse mês ainda ser frio, já se sentia subir a seiva da primavera...

Tempo do amor...

Perguntei ao porteiro:

— Onde hel de eu ir?

— Vá, a. pode ir an Bèllevue.

Do Bellevue?

— Sim, é o mais elegante dos nossos music-halls. Excelente programa: orquestra de músicos napolitanos, os exênticos americanos Jim and Rodgers, Mas sobretudo, a cossa célebre ballerina...

— Uma bailarina holandesa?

— Quasi... Malala, das indias neerlandesas; Matta-Hari, V. a. nunca ouviu falar dela?

Decidi-me pelo Bellevue.

Tomei um taxi.

Alguns minutos depois chegava lá. Ia em meio o espectáculo.

Dificilmente achem o meu lugar na plateia que já então estava às escuras.

Só tinham ficado abertas as luzes da ribalta e do jardim de inverno. Toda a sala mergulhava numa penumbra sugestiva e a orquestra, apenas ajudada por alguns focos verdes, a que as obet-jour diminuíam mais a intensidade, atacou uma música dolente e do ritmo bizarro, o cujo sem o para foi sublição de vazar.

Ela surgiu então de uma coxia — a passos cadenciados, longos, solenes, como atitudes rituais, mas voluptuosas e indolentes.

Semi-nua... Sustentava-lhe o seio, um peitoral lantejoulado; pendiam-lhe da cintura aos tornozelos, tiras de fina gaze multicolor.

Os pequenos pés descalços e alvos, deslizavam sobre o tapete escuro, em relevo. Eram de um ruivo fulvo, os seus cabelos, mas os olhos de treva iluminada e quente e negros os longos cílios veidosos. A boca nervosa e rubra, como uma punhalada de carmin. Por entre a polpa sensual dos lábios entreabertos, apareciam-lhe os dentes brancos, incisivos, felinos, cruéis... O colo tumido. E a cicatriz do umbigo se destacava no ventre nu, alvíssimo e redondo como um fruto.

Matta-Hari dançava.

Seus movimentos foram-se amuadando. Era uma sucessão de gestos supplicantes, pávidos expressivos, em que os seus braços se estendiam com as mãos espalmadas e

os seus ombros se erguiam e se baixavam, num coiceir acróico do busto. As ancas balanceavam num lento manelo, enquanto os seios empinavam, como que sob o estímulo do cio...

Era a ergção do desejo, na carne capltosa de Eva! Palpitavam-lhe as nartinas, como si haurisse o cheiro de um jardim em que as flores fossem tulíres — que tem o aroma da semente humana...

E gradualmente se detalhava a estatuária de sua plástica, evidenciando todos os contornos das suas formas harmoniosas. No ritmo agora mais vagaroso da música, cada um dos seus movimentos era uma sugestão pecaminosa. E quando cada membro se desenbara no detalhe da sua perfeição, o andamento da melodia se apressou e ela ameudiva as poses, excitada, deorada pelo olhar cobiceiro da plateia: fixo e estábilico, sobre a brancura do seu corpo.

Dir-se-lia que passava num fantascópulo um sonho de Gomorra, uma ablução de Lesbos, e que uma raiva ninfomaníaca arrepejava e levava-a cambaleante pelo palco, com os olhos cheios de um brilho de cantáridas e os lábios latejantes. Rocaísta-se no ar de braços abertos, parecia buscar um corpo a que se unisse. E arqueando a espinha, com a cabeça pendida para trás, apontava no chão, por fim, os pés e as mãos, numa cínica oferta do seu sexo!

Corriam arrepios na plateia. Ouvia-se a respiração entrecortada dos homens e o rumor gluteo das laringes engolindo a baba da luxuria. A gente mal colocada, punha-se em pé, avida e trêmula. Nos camarotes, mulheres quebravam o leque, com um estalo seco de madeira; enterravam as unhas no braço dos amantes, que alargavam o colarinho, numa ância de ar, com o coração aos pulos!

E ela dançava...

Agora, era o coice rápido de uma serpente em furia, um delírio de contorções convulsas, em que todos os seus nervos vibravam, em que havia a agitação de uma febre alta, abrasando a sua carne sustida pela música...

Cá, os olhos ardentes se arregelavam, cada vez mais veigos. Homens, soerguiam-se inconscientemente, com interjeções inarticuladas. Viria-se um fremito! Como que do delírio desse ambiente, os desejos creptavam!

E desvaíra pela histeria das bestas, ela continuava a dançar, num pernas desabalado que revivia todo o fôbocho das suburras antigas e dos mongartrices contemporâneos! Eram passos e gestos pornográficos, em que os seios lhe tremiam, as ancas rebolavam, o ventre tinha revoluções obscenas, que só cessavam, de instante a instante, numa attitude lírica de espasmo. Mas, rodopiando numa vertigem que a despia toda, bateu o ar finalmente, como se os seus braços fossem asas, num totaliar desorientado, fecho os olhos e rolou desaparrada, como um pássaro ferido no toraçáo!

Caíu o pano.

Um instante, infinitamente rápido, mas parecendo longo, de silêncio. Ainda ergolava os espectadores, a emoção desse bailado tráico e voluptuoso. Aclamavam-na homens e mulheres, Todos de pé, vezeavam o seu nome, num longo título de vestania.

— Matta-Hari!

Ininterrompente, estalavam as palmas estreptosas.

E ela svuitou, olímpica, com os seios nus, libertos do peitoral e rijos e pontesgudos, como dois peros, sobre o torax.

Não fez um gesto. Em pé, à beira da ribalta, era a escultura do pecado...

E o delírio cá em baixo redobrava, exaltava-se, exacerbava-se, excitado pelo seu próprio eco:

— Matta-Hari!

— Matta-Hari!

Quando se retirou, por fim, de novo, em vão a música entou um trecho vivo animador e alegre: a plateia parecia desfalecer exaurida, numa absoluta depressão nervosa. E o espectáculo já não teve interesse para ninguém...

Sai...

Vim pela margem dos canais estáticos ao luar que os proteava...

O meu sangue caldeado borbulhava.

Imaginava-a, agora, nos meus braços, palpante e amorosa, no coúbio das nossas carnes e dos nossos vícios. E como era ela que me conduzia, errei sem rumo pelas ruas longas, à sombra dos pianos antigos, à beira da água silenciosa...

Que tempo caminhei?

Não sei. Já tarde, subi a escadaria do Vitória, exausto e ainda vibrante. E logo com uma visão perturbadora vi-a no hall, abafada em peles caras, tendo na mão um ramo de orquídeas, dizendo adeus a um homem lá grisalho.

Farei confuso.

Ela morava ali?

Morava. Até subimos juntos no avesso: ou com o coração cubriolante, em com a indiferença de uma deusa...

E até hoje não sei, não distingo, com nitidez, com reminiscências dessas horas, como foi que três dias depois passei o bumbal da porta do seu quarto!

Era um vasto salão atapetado de tapetes de ursos brancos e de tigres. Ao fundo, o leito baixo e largo como um vale, coberto de almofadas muito brancas bordadas, sobre uma imensa pele loura de guanaco.

Flores. Mais almofadas pelo chão, redondas, chatas, longas de seda de veludo, de damasco. O moçoirão das cortinas confundia-se com o estofado verde-claro das paredes. E a luz das lâmpadas dessas horas, nessa noite, o ouro, a prata, os cristais, nas mesmas de toilette, magnificavam-me, com vispas de opulência...

Só guardara sobre si, um longo colar de perolas, que lhe escorria entre os dois seios. E recimada num monte de coxinas, tinha entre os dedos um cachimbo de ambar, como os dos mandarins que fumam opio...

Ali si eu a amei!

Desde esse instante, ela observou-me como uma mania. Não existi sinão para possuí-la, ou para renovar o meu desejo, vendo-a dançar no music-hall, servendo a amargura do meu chime, como quem sorve um tóxico delicioso.

A balneia da situação em que vivíamos, aumentava a voluptuía do seu amor. Nem para o que gastava em flores, chegava o meu dinheiro. De sorte que eu não ignorava que alguém devia pagar o seu luxo, os seus caprichos dispendiosos, os seus dois automóveis, as jóias com que voltava cada dia. Deus sabe de onde...

Frequentemente, por isso, revoltado contra mim mesmo, eu a insultava. Jorava que não tornaria a vê-la, erguia os punhos para a cempaga. Ela sorria, vinha como uma gata, e murmurava:

— Baby...

E o seu lábio era rubro, o seu seio cinzava, a sua carne lhe abata, como um abiscrol!

Uma noite, mais enervado, segurei-a, afirei-a de encontro a um canapé e esbofetei-a alucmadamente.

— Baby!... — lex uma doce sública.

Entrelanto, arremessei-a ao chão de novo, com um insulto, erguendo o tacão da bota.

— Miserável!

Max, de repente, sem transição, entrelacci-a, rolei com ela pelo assoalho. Jooice beijando-a, e sugando-a como um vampiro, possuindo-a, emfim ainda uma vez!

Dessa vez, na manhã seguinte, selando as passas, partimos num dos seus automóveis para a Haya. Ela lá, ao volante...

Junto a Haarelem, atravessamos os campos de tulipas, polícoros e resombantes: como um imenso estendal de maravilha...

Lá, na cidade antiga, as velhas casas grises e históricas, iam ficando à beira do caminho. E ela, afinal, parou junto da torre, que hoje e um museu, mas foi um cárcere, nos tempos tenebrosos de Guilhermo, o taciturno.

— Vamos entrar aqui.

— Que ideia!

— Eu quero.

Entramos.

A prisão está lá qual foi há três séculos. Vimos o calabouço em que De Witt agonizou com fome. A máscara em que meouro, capturado num cruzetiro de piratas holandeses, arremessou-se de encontro ao muro e abriu o crânio. A jaula, situada em cima da cozinha, onde eram encerrados os que deviam morrer de inanção...

Ela, porém, só se quiz demorar na sala das torturas. Ai, diante dos cavaletes, docetorquêtes, da roda das tenazes enormes e das pinças, que estacelavam carnes palpantes, sentia-a enterrar as unhas do meu braço.

— Baby!

— Mirei-a atônito.

— Como seria bom sofrer, ganhar aqui, martirisada, só para amar depois!

E seus olhos brithavam, os seus lábios tinham um rictus de cruel deieção. E o guarda do museu nos contemplava, com muito de admiração e desconfiança, possando ouvido ao desatino...

Os dois dias depois, disse-me que ia a Espanha, Assinara contrato para Madrá, Scvilia e Barcelona, e devia partir muito antes. Mas voltaria. Eram três meses rápidos de ausência: que en a esporçose, confiante...

Fui leva-la a Ymuiden. Nas trezezas, o vapor aguardou, durante horas, a creia da maré. Por fim, abriu-se a porta do canal. Cortou os ares um apito estrondo. Desci. Fiquei na doca, a vê-la, toda de cinzento, a acenar-me no tombadilho como o seu lenço. Ainda lhe ouvi dizer:

— Baby!

Rapidamente, o vapor entrava pelo mar.

O lenço ao longo me acenava sempre. Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Adeus! Adeus!

E nunca mais ela voltou!

E nunca escreveu uma carta, uma palavra, em dois annos e tanto!

Agora, a luz morticia que alumava o meu cubículo, só me restava deia a notícia dos jornais, narrando a sua morte.

Morrera no desabrochar da primavera, no Forte de Vincennes, a meia hora de Paris...

As gazetas contavam...

Recusada a petição de indulto que enviara ao Presidente da Republica, honrada de caladura atroz de madrouzda, entraram na sua cela da Prisão de São Lázaro

— Matta-Hari!...

Donnia,

— Kêia a sacudiram!

— Matta-Hari!...

Que era aquilo?

Abriu os olhos egardadamente.

Que lhe queriam esses homens todos, paizanos e militares, a abá-la assim, com tão astrosos olhos?

— Hei?...

— Foi recusado o seu perdão...

— Coragem...

Um padre se destacou de entre os outros:

— Chegou a hora, minha filha...

— Já!

— Peca perdão a Deus dos seus pecados...

E algum tempo depois ela seguiu, com os pulsos presos por algemas dentro de um automóvel em que a guardavam dois soldados bonia e silenciosos.

Longo o percurso, longo e contido rápido para ela, que tirativa a caminho de inexplicável mistério da morte.

Os bastiões de Vincennes appareceram. Fizeram-na saltar. Ainda a levaram por corredores e salões soturnos, para distribuído nos registros macabros dos condemnados...

Seus grandes olhos negros murçujava-se de lágrimas. Tremia, de vez em quando repetindo:

— Eu não quero morrer!...

Ah, não queria?...

Mas que tinham com isso os militares? Não fóra espía? Não suprendera os segredos do exército, para os comunicar aos inimigos?

Pois morreria no horror e no egúdio, sem piedade, sem consolo, sem nada, infamemente!

Que importava a excelsa beleza da sua juventude? Por ventura eram juizes do Areopago? Fôra uma resultante da insanidade infrene do desvario de prazer da sociedade? Isso era com os filósofos, os sociólogos e os agostões...

Com eles, a questão era o conceito feto que se provava: o crime de espionagem praticado.

E embora se debatesse e supliçasse agarrando-se a tudo o que encontrava, arrastaram-na, contando-a e arrastando-a, qual despedaçando-a ao negro porte do suppicio.

As mãos dela sangravam. Seu rosto se decomponha numa expressão patética de medo e as suas roupas, estrangalhadas deixavam ver a sua carne capltosa, arrepiada de pavor.

Amarraram-lhe os membros trouxos ao marco ignominioso e venderam-lhe os olhos bruscamente.

O DIA DO "FICO" E A REPÚBLICA

SERGIO VELLOZO

O estudo da História do Brasil não se trata puramente político, mas sim de uma ciência que qualquer outro, da mesma forma, é interpretada por vários pontos de vista.

É quando se deu quando nos propomos estudar um pouco mais minuciosamente a história da estado da época de D. João VI no Brasil. Tal estudo nos levou a incursões valiosas em outras áreas, como que a economia, na parte referente ao tratado de Methuen, estabelecido em condições que contrariavam o povo que estamos acostumados a ouvir.

Se tornando mais conclusiva, favoreceu a seguir, a nossa propensão para a seguinte: o dia do "Fico" geralmente exaltado pelos historiadores como o maior episódio da liberdade de 7 de Setembro, não dá tanta importância política quanto a nossa progressão política em direção à liberdade.

Portanto, afirmamos, vamos à prova.

SITUAÇÃO DO BRASIL

A situação natural impôs de uma situação política, desde a Independência Mineira até as revoluções de 1824, era para a Independência e a República.

Os ideais permanecem únicos em todos os nossos movimentos políticos.

Quando o intelectual sorvia da Europa, os Estados Unidos as ideias liberais que se aglutinavam em certas sociedades de vésperas de caráter intelectual, que iam constituindo em certos pontos de vista, conforme as condições e o meio facilitavam, aqueles grupos responsáveis por todos os nossos movimentos.

Assim se deu em 1824, em 1817 e 1824, tanto o caráter político de todos esses movimentos de Carlos Maximiliano, "Revolução, apenas e efêmera e insubstituível movimento popular paulista que elevava a coroa a Anágora Bem-tido as tramas urdidas para abalar o povo português visavam a proclamar a república e não — ereta um reino". O Brasil caminhava, portanto, naturalmente e a passos largos para a Independência e República, mas os cometas do século XVIII.

A situação dos historiadores e dos historiadores é a maior prova de que a Independência e a República não foram apenas e efêmera e insubstituível movimento popular paulista que elevava a coroa a Anágora Bem-tido as tramas urdidas para abalar o povo português visavam a proclamar a república e não — ereta um reino". O Brasil caminhava, portanto, naturalmente e a passos largos para a Independência e República, mas os cometas do século XVIII.

De qualquer maneira, o seu R. João VI no Brasil: D. João VI, na possibilidade de permanecer ele mesmo a tentar fazer frente ao futuro liberal, denunciado no Brasil, nos seus meios medidas benéficas e a decisão que o filho ficasse para se tornar em centro de agitação e alicerces de velozes direções da Independência e República, a separação e implantação de uma Império onde seu ele tornando o "barrete frágil".

Finalmente, o depoimento insubstituível de um ministro português, o meu amigo de Dom João VI, Thomaz António, que, em carta a D. João VI, fundamenta, de que o Brasil república de Portugal, e que, aliado a conservar, não me convence.

porque he independente, nenhuma potência da Europa o pode atacar com vantagem. E bem se vê que a maior lista dos revolucionários he insubstituível o Brasil, porque se ele se separa e rompe a comunicação, Portugal tem que desistir. E, precisa ser considerado como Hannover a respeito da Grã-Bretanha".

Esta última frase nos traz nova ordem de considerações: a respeito da nossa independência econômica. Se estudarmos as condições da época, comparando as nossas possibilidades industriais e a nossa capacidade agrícola com as de Portugal decadente, veremos que o nosso país foi no século XVIII a grande fonte de riquezas do Brasil português, a maior fonte que permitiu o equilíbrio de sua balança comercial, periclitante pelos excessos e incapacidade os administradores. Estes estavam amplamente entregando o país às mãos dos hábitos políticos e financeiros ingleses.

O ponto de partida para esta análise foi o tratado de Methuen. Aparentemente bilateral e justo, a uma análise mais profunda mostra a hostilidade e estímulos dos ingleses. Sem misturarmos em considerações extensas, que nos afastaram o assunto capital, resumindo, no seguinte: Portugal concedeu à Inglaterra o monopólio dos tecidos em sua território; Inglaterra concedeu a Portugal o monopólio dos vinhos em seu território. Mas acontece que todo o comércio, seja o de tecidos, seja o dos vinhos, é feito por comerciantes ingleses que tinham os tecidos para Portugal, voltavam carregando o vinho que havia sido comprado pelas grandes exportadoras ingleses da cidade do Porto. Estes incluíam os preços, retinham o produto para fazê-lo subir, enfim, dominavam todo o comércio. E iam além em seu agradável arbítrio: só recebiam para seus fornecedores os vintalhoes, que dessem as filhas "para banhar", como comenta um fino cronista da época.

E cede Portugal, começa a sentir os resultados do tratado de Methuen. Os efeitos que os financistas britânicos tiraram de tal pacto foram tão consideráveis, que Roberto Simonsen não hesita em afirmar que outro do Brasil, que Portugal não conseguia obter em suas colônias "atravessava o país em demanda da Inglaterra, em pagamento da balança de comércio, inteiramente favorável a esta nação. Estimulando o trabalho inglês, remanejeram melhor suas mercadorias, concorreu para o progresso efetivo daquele povo muito mais do que para o enriquecimento de Portugal".

A monumental "História de Portugal", organizada por Damão, Peres reconhece que em 1763 e 1774, seguindo as estatísticas do Banco de Inglaterra, a importação de outro português atingia o valor de 3.302.973 libras esterlinas.

Vemos, portanto, que o Brasil desde o século XVII vinha sendo o sustentáculo da economia de Portugal.

A elite dos brasileiros que iam estudar no exterior, e de qual sairiam os futuros estadistas e os futuros revolucionários, lá por pouco se apercebendo da situação: o Brasil já podia subsistir como nação autônoma, explorando para si as suas enormes riquezas. De Oliveira Lima: "O Brasil tinha por si um desenvolvimento que, cada ano mais se acentuava, e

melhor base se não poderia oferecer a uma forma autônoma de governo". Em esta a evidência intuitiva do nosso destino, segundo demonstra a expansão de fenômenos revolucionários espontâneos, e completa a tendência para a República, se não que também demonstra a todos aqueles movimentos.

Acompanhavam a grande moção do liberalismo, que gerou a nação americana, motivo e revolução francesa e produziu as primeiras lutas sociais no Inglaterra.

A Independência vinha, pois, rapidamente, e sem dúvida, acompanhada de forma republicana.

Um dos poucos políticos liberais de Portugal, o duque de Palmela, previa este defeito, mas não se achava por si logo forçado a pedir demissão de seu cargo. De Oliveira Lima: "Palmela pensava sobretudo em pôr termo próximo à revolução de Portugal (revolução de 1820 para evitar outra, que previa ser pior, no Brasil)". Adiante, fala sobre o impulso popular, o qual poderia querer empregar a Constituição uma orientação em extremo democrática, ao mesmo tempo que prevenia quaisquer consequências fatais no Brasil, indo quicá até a dissolução da monarquia".

CONQUISTAS LIBERAIS

Temos visto, pois, que passamos os dois requisitos principais para a Independência: o ambiente de fermentação liberal e a base econômica. Só faltava a ação, o ato em si, resultado do desenvolvimento que havia, como a brotar de um fruto e o resultado do desenvolvimento da árvore.

Esta ação, que se desenvolveria a partir de um pretexto qualquer, não se deu que a História e prodiga folheira por toibida, foi tomada de nossas mãos por força de uma circunstância inesperada: a fuga da corte para as terras para o Brasil. De Carlos Maximiliano: "E veio, de fato, e criou deveras a monarquia, em terreno preparado para a república".

Mas a Vinda da corte não cortava todas as possibilidades de atingirmos o ideal republicano. Ela veio até mesmo a incentivar a fermentação política e forçar os governantes a fazer uma série de concessões liberais que se tornaram inevitáveis. Essa fermentação e aquelas concessões vinham manter no seu trilha e acelerar o ritmo

das nossas aspirações de liberdade. Sendo vejamos:

Antes mesmo de chegar ao Rio, o Regente firma a carta-regia que abre ao plectro do Brasil as nações amigas. O acto de progresso foi rápido.

Dois meses depois era liberada a indústria.

A fundação do Banco do Brasil, a 12 de outubro de 1868, o início da indústria pesada em Minas e a fábrica de pólvora da Estrela Real, dentre as inúmeras criações da Coroa, se de maior importância política. As outras, muito representativas no terreno das artes, das letras e ciências, e também não deixam de repercutir politicamente. Mas logo logo da chegada da corte ao Rio de Janeiro.

Posteriormente, em 1815 conquistamos a igualdade com Portugal. Somos elevados a categoria de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

isto não era, além, nenhuma concessão no Brasil, pois aqui se achava a corte e sem ter ainda ideia certa sobre a sua volta para a Europa, talvez destinadas a fixar-se definitivamente em nossa terra.

Diz Oliveira Lima que "se acreditava geralmente que D. João VI de liberava não regressar mais e nutria a intenção de depois de seguir Portugal já não departando em honras e em dinheiro, trocá-lo por uma das possessões espanholas da América, convertendo-se a dinastia hespanhita numa realza exclusivamente americana".

Continuando a série de concessões, vemos o início da manifestação política legítima no Brasil, com as revoltas que foram reprimidas na revolução do Porto, de 1820. Esta exigia a reunião das cortes, o que se não dava desde 1697. Para e Bahia asuriram logo e antecipadamente juraram a constituição que a assembleia portuguesa iria elaborar.

Em 24 de fevereiro de 1821 obtinhamos a nossa primeira vitória constitucional: D. João VI, ouvindo as preces do povo reunido no Largo do Rocio (Praça Tróvãoes) e transmitidas por intermédio de D. Pedro, aprovava a constituição que ia se fazer e a assistência ao Brasil, fazendo com que seus dois filhos D. Pedro e D. Miguel a jurassem.

Mas vai além a efervescência do povo em seus anseios liberais: exige a deposição dos ministros impopula-

res e o conseqüente, e chega e não tobera mais um governo que não governasse baseado numa constituição. D. João cede mais uma vez, aducando a emulação espanhola de 1812, enquanto as cortes portuguesas elaborassem a sua futura lei básica.

E' este, pois, o ambiente político no Rio de Janeiro. Conquista liberais concessões que iam naturalmente germinando a república. Oliveira Lima refere-se a "desagregação da monarquia americana, iniciada pela revolução de Pernambuco e ativada pelas recentes revoltas emulacionárias".

Mas já se Portugal solicitavam a volta de D. João VI. D. João hesitava, não porque não desejasse ver a sua terra natal mas porque temia que, com a saída da corte, numa ocasião de tamanha efervescência liberal, o Brasil tornasse a ser as próprias realzas, constituindo-se nação livre.

Confirma Oliveira Lima: "Depois do 26 de fevereiro de 1821, os portugueses a querer que D. João VI deixasse o Brasil pretendendo naturalmente patriota que D. Pedro naturalmente inerte, pois de um momento assim independente e árduo se poderia facilmente fazer o instrumento da separação e da independência. O rei bem o percebeu e por isso redobrou suas hesitações".

Todos estes problemas escapavam a argúcia dos políticos de Portugal, que, dependentes com o prestígio crescente da antiga colônia, exigiram de qualquer maneira a volta da corte.

D. João VI hesita porque já possui o grande certo que não só se dissolva de Bragança, o de perder o rico reino do Brasil, ora, para a dinastia, a coroa e a nação. Para a casa de Bragança o principal em conservar a coroa do Brasil, da maneira que fosse, com ou sem Independência. Para D. João VI, portanto, não foi um golpe, tem sequer constituiu surpresa a recusa posterior de D. Pedro em voltar para Portugal.

D. Pedro, aliás do dia 22 de abril de 1821, dava em que assumiu a regência até ao dia da Independência, agiu com uma prudência e uma habilidade raras em relação ao governo de Lisboa.

D. PEDRO

Iniciu sua gestão com vários decretos revolucionários no sentido do liberalismo: manda que se faça um or- (Continua na página seguinte).

COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO AÇUCAR DE PRODUÇÃO DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO DO PAIS E DO EXTERIOR

ARMAZENS PROPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BNUM.º 248 E GUARARAPES. N.º 113

Capital subscrito..... Cr\$ 4.966.100,00
" integralizado Cr\$ 4.877.200,00
Fundo de Reserva.... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL
Escritório no Rio de Janeiro: — Rua da Candelária n.º 9 — s/301
Em São Paulo: — Rua Alvares Penteado n.º 180 — s/509

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luis Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Caetano de Brito, Diretor; Manuel Muroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL: — Membros efetivos: João Queiroz, Leôncio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Enock Maranhão.

AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEAO

ASSINATURAS

Assinatura anual com registro Cr\$ 45,00

VASCULOS AVULSOS:

Dez Volumes da 1.ª fase (I a VIII) Cr\$ 80,00
Dez volumes IX e X Cr\$ 5,00
Do volume XI Cr\$ 4,00
Dinheira dos volumes IX e X Cr\$ 100,00

NOMEIOS ATRAZADOS

Avenida Almirante Barroso n.º 71, 11.º andar Telefone 23-9951
Anual 9. Tratar com Sérgio Pinheiro.

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7 — 12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO — BRASIL

IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA NACIONAL

O DIA DO "FICO" E A REPÚBLICA

(Continua na página seguinte)

amento de receita e despesa; desatoga as províncias de vários tributos especiais que sobre elas pesavam; defende a propriedade arrendatária contra a contumácia da ação arbitrária do Estado; abate a censura de imprensa, o que motivou o aparecimento imediato de diversos jornais; garante os direitos individuais contra a prisão ilegal.

Apesar de conquistar a opinião pública com estas medidas e com sua simpatia pessoal e de sua jovem esposa, Amélia de Leuchtemberg, D. Pedro ainda era, na opinião dos nacionalistas extremos, um grande obstáculo para a nossa libertação. Sua volta para Portugal era o anseio de todos aqueles que, não fascinados pelo brilho de uma corte imperial e sua cortejo de favores, gostavam com um Brasil livre — mas livre verdadeiramente, isto é, republicano.

Para os súditos, que desejavam não apenas para poder beijar, e para os senhores menos argutos, que não percebiam em D. Pedro a perpetuação de uma dinastia europeia em nossa terra, a permanência do príncipe era impensável.

Para D. João VI, que passara doze anos em nosso país e vira o desabrochar da nossa elite intelectual imbuída no liberalismo e as primeiras conquistas liberais, vanguardistas de um desenvolvimento do que muito cedo bruciaria a República, a manutenção de seu herdeiro em nossas terras era a garantia para a casa de Bragança da posse deste imenso território, mesmo que separado de Portugal.

Só para os políticos portugueses, legítimos continuadores da velha tradição de obscurcimento e incapacidade, que tão bem se evidenciaram naqueles tempos do tratado de Methuen, só para aqueles políticos laços, cheios de despeito pelo brilho da colônia antiga, que fora transformada em metrópole, é que D. Pedro não podia absolutamente permanecer no Brasil. Retavam, portanto, fazendo exatamente o jogo dos liberais brasileiros extremados. Retrado o príncipe, proclamávamos imediatamente a República.

As cortes reunidas em Lisboa, ignoravam em sua maioria a verdadeira situação política do Brasil. Julgavam com muita dusa de lei consequentemente colocar a cabeça e quebrar a força de uma nação que, cheia de vida, começava a viver.

Não fossem, pois, as determinações incluídas na carta constitucional de 24 de abril de 1821, subordinando as nossas províncias ao arbítrio de Portugal, e os dois decretos que se lhe seguiram, suprimindo os tribunais do Rio de Janeiro e ordenando a saída do príncipe sob o pretexto de ultimá-lo sua educação viajando pelas partes da Europa, não fossem tais ordens violentas e chocantes, muito provavelmente teria o príncipe voltado para a Europa alguns meses mais tarde.

A atitude do governo português era, porém, as primeiras lacerações do princípio sob o nosso país. Ambos eram tratados com arrogância. Ambos, unidos, responderiam com a independência.

E justamente nos três meses que decorrem dessa atitude do governo português até o dia do "Fico" (29 de abril de 1821 a 9 de janeiro de 1822) houve três meses e que se foram solidificando os laços que prenderam D. Pedro ao Brasil. Hábeis conselheiros fazem-nos ver que esta partida correspondia à independência do país. Advertências secretas do país, reforçando o conselho que dera no dia do embarque, teriam tido grande influência no ânimo do jovem príncipe.

A par com tais conselhos, duas atitudes públicas influíram decisivamente no príncipe: a representação da Junta de São Paulo de 24 de Dezembro de 1821, e o manifesto de 29 de dezembro de 1821, a primeira redigida provavelmente por José Bonifácio, o segundo por Frei Sampaio.

Infinidamente os grandes patriotas do momento eram todos monarquistas convictos. Assim o era José Bonifácio, assim o eram Gonçalves Ledo, José Clemente Pereira. Não passava pela cabeça daqueles estadistas a idéia de que o Brasil já poderia constituir-se uma república uma vez afastado o jovem príncipe.

Em discurso na Câmara em 1841 defende-se José Clemente Pereira da possibilidade de ser considerado republicano com tanto ardor como se tal acusação fosse altamente infamante. Diz ele: "estas minhas palavras serviram até depois para uma devassa por crime de repubblicanismo, na qual houve quem foi jurar que eu era tão republicano, que tinha feito as observações que acabo de referir".

Também no discurso feito antes da apresentação do manifesto com as 8.000 assinaturas, Clemente Pereira

tem as seguintes palavras: "Será possível que V. A. Real ignore que um Partido Republicano mais ou menos forte existe semeado aqui e ali, em muitas das províncias do Brasil, para não dizer em todas elas? Acaso as cabeças que intervieram na explosão de 1817 expluram já? E se existem, e se são espíritos fortes e poderosos, como se cre que tenham medo de opinião?"

Estes súditos, que não podem suportar a ideia de uma revolta do povo brasileiro contra os renaescentes portugueses, como se deu nos Estados Unidos contra os soldados britânicos, têm palavras como estas para pintar uma situação honrosa para nós a luta pela conquista da liberdade: "Ah! Senhor, se V. A. Real nos deixas, a desunião é certa. O partido da Independência, que não dorme, levantará o seu império, e em tal desgraça, obti que do horror e de sangue, que terrível cena aos olhos de todos se levanta!"

A tendência reacionária daqueles nossos dirigentes, se se pode aplicar a estadistas do século XIX um termo do século XX, a tendência reacionária contra a república era manifesta. Vejase como fala o "Reverbero Constitucional Fluminense", comentando o "Fico": "O Brasil, adotando o princípio, adotou o partido mais seguro; vai gozar dos bens da liberdade sem as convulsões da Democracia e sem as violências da arbitrariedade".

Fico minhas as palavras de Pinto da Rocha, que vêm reforçar estes meus argumentos:

"E porque José Clemente Pereira era 'homem de verdade' era também sincero, e a sua sinceridade o levou o presidente do Senado da Câmara não queria a independência, não queria o rompimento do vínculo político que desde o descobrimento, nos prendia à grandeza histórica de Portugal; José Clemente interpretando o pensamento da corporação a que presidia, pediu a manutenção desse laço de dependência, desejava a permanência do príncipe no Brasil, para que este se conservasse unido a Portugal"... "se o príncipe obedecesse à imposição humilhante das cortes de Lisboa, as palavras candentes e causticas de Borges Carneiro e Fernandes Thomaz deixasse o Brasil 'o partido da independência, que não adormecera, levantaria o seu império' e a República surgiria triunfante, como

as outras que a democracia revolucionária de 1789 já fundara na América e o Brasil estaria perdido para Portugal, para a monarquia e para a dinastia de Bragança", ou seja, definitivamente liberto.

A tendência monárquica de José Bonifácio fica comprovada com estas suas palavras, reproduzidas por Armida: "Até onde chegar a minha voz, protesto à face da Assembléa e de todo o povo que havemos de organizar uma Constituição não democrática mas monárquica".

Se os estadistas que naquele momento se impunham fossem não monarquistas, mas pertencentes às fileiras do partido republicano, não teria havido esta perniciosa aproximação do príncipe D. Pedro com o Brasil. Promoveriam-nos aqueles homens, valerosos e patriotas, mas infelizmente monarquistas. E em vez de caminharmos para repúblicas, caminhávamos para a Monarquia.

E em 9 de janeiro de 1822 manifestava-se o resultado de todas essas forças: o príncipe torna oficial a sua deliberação de permanecer no Brasil. Estava resolvido definitivamente o nosso destino como império. Comenta

Carlos Maximiano com amargura: "bem o compreenderam então os brasileiros da doutrina que, apesar dos obstáculos, deveria triunfar sessenta anos depois".

Dizia o documento entregue por José Clemente Pereira, ornado com 8.000 assinaturas: "A partida de uma Alteza Real seria o decreto que proclamaria a independência do Brasil". Desde aquele momento, parecia prever a inevitável separação e a consequente criação do Império brasileiro.

Mas as palavras de D. Pedro assegurando a sua permanência em nossa terra representam um corte no processo do nosso desenvolvimento político que, todo ele era uma preparação para a República, como testemunhamos aqui, acompanhando passo a passo as nossas conquistas, desde a chegada da corte, em 13 de maio do dia do "Fico".

E ficou provado que neste noticioso dia de janeiro de 1822, o Brasil perdeu as esperanças de se constituir uma nação com por cento livre para firmar definitivamente as bases do Império que se estenderia por quase setenta anos.

Correspondencia de Escritores

Das cartas do arquivo do Embaixador Barros Pimentel.
Petropolis, 25 jan. 1905.
T. Av. Piabanha.
Meu caro José Francisco.

Só ontem à noite pude conversar largamente com o Domício. E de tudo o que dele ouvi, concluo que V. deve desistir da candidatura a um lugar na Câmara de Bonfim e fixar-se na pretensão ao cargo de acido em Londres. Domício dá como certa esta nomeação. A sua entrada para o quadro, porém não me parece já próxima como a V. seria... Tenho que ir a negócios para mais de um ano e escreva para a direção do jornal que saiba claramente a situação. A palavra cabe ao inexoravelmente bom Papai...

Londres é uma grande escola para um jovem eleito como V. Vá para um arduo de boa vontade, dessa bela solução de problemas adquirir, de "capitalizar", cheio da magnificência da cultura da grandeza mundial e de... muita paciência para suportar a mesmo amar o fog, que torna espectras e afimáticas as coisas insignificantes. Muitas saudades a Papai, nossa afecção a Mãe e creia-me sempre. Seu muito amigo
Graça Anah.

Lima, 19 de outubro de 1907.
Meu caro José Francisco,
Recebi a sua boa carta de 27 de julho e logo depois as bonitas gravatas que sua mãe me mandava de presente. Vou agradecer a ela para lhe agradecer a efetuosa lembrança e dar notícias de mim, que neste recanto do Pacífico me faço pouco lembrado à gente humilhada.

Não foi por embeteção na contemplação dos olhos das peruanas, que lhe não escrevi logo; foi por preguiça de escrever; uma molestia de que sofro por crises. Os olhos negros das peruanas não têm fundo que me atraia, são mais rulos que os amarelos das suas inglesas. Que eu sempre careci de muito fundo para nadar sentimentalmente. Elas também não me acham a seu gosto, senão para marido, o que não entra nas instruções que trouxe o Ministro do Brasil.

Não entro em detalhes sobre a vida que aqui leva, para não tirar-lhe o gosto da descoberta, quando cá venha mais tarde. Basta que lhe diga que a gente é extremamente amável em sociedade e que só vive isolado aqui como refúgio de braco se agrada que lhe vêm ao encontro desde a chegada. Imagine que ainda não acabei de retribuir as visitas que recebi em Abril tanto de homens como de senhoras. De as minhas lembranças ao Rinaldo. Não adormecem os dois nesse remanso de Londres; preparem-se, para que o trabalho lhes seja mais fácil e proveitoso nas Américas; não se esqueçam de que são os nossos políticos, pouco educados embora, mais interessantes que os de pura representação. Aqui, por exemplo, há uma constante vigilância de si mesmo, de disciplina de reserva não aparente, de fingida abstinência que sabe onde pode ir, cordialidade sem familiaridade, ser acessível e não se deixar invadir, que será talvez a melhor ginástica do tato. Pessoalmente creio que já conseguí algo neste sentido, lidando com o Ministro do Exterior na sua memória deste ano apresentado agora ao Congresso; espírito amistoso e conciliador, será

"Este distinguido diplomático, por ser um factor importante para o arripio de nossas questões pendentes, para que em certo tempo se ha hecho persona grata a este governo". E uma boa nota, que eu já tinha sentido por sua insistência com que pediram fossem feitas as negociações para o tratado de limites e que ainda mais me confirmava na ideia de que é fácil fazer desagradável... Quando Vocês se casarem terá passado sem dúvida esta sociedade de possíveis conflitos no Oriente e o Peru será deversos amigo do Brasil. Tempos curtos.
Um abraço do seu amigo e colega
Domício.

P. S. — Relendo a carta, notei-lhe um to me gabolice, que não me assenta. Já agora vá assim, com a ressalva de que não me quero dar ares.

José do Patrocinio Filho

(Continuação da página 115)

Fiquem atrás ou além,
Que influem na solidão
De quem não deixa saudade
nem a tem?
Tudo é tristonho e maguado
Pra quem leva a solidão
Como um sangue enregelado
Dentro do seu desgraçado
Coração...
Vai, caminho, caminho;
todo coberto de pó...
Teu bordão é o companheiro
Com que andas o mundo inteiro
Sempre só.
Segue o teu itinerário
A chuva, ao sol, ao luar...
Pelo mundo atroz e variô
Cumpre o teu triste fadário
Caminhar.

Ora, os trabalhos de Amador Simples publicados em A Gazeta Teatral (só poucos, não passaram de três ou quatro), um tempo não nos interesse muito particularmente. Traz o largo título seguinte: *A besta do Goso. Num dos nossos concertos, Mlle. Suzanne Goytols fez delirar o público com a dança mais suggestiva do mundo* (edição de 13 de janeiro de 1917).

Pois o que se lê nessa página do *Estadão Teatral* acerca da dançarina Suzanne Dartois — a descrição dela, de seus irresistíveis encantos, de sua dança pecuniária, o ardor, a vibração da platéia que a deseja e a adora — tudo isso, com leves retoques, é exatamente o que, anos depois, Patrocinio Filho oferecia aos seus leitores na *Gazeta de Notícias*, agora apresentando-lhes a Matá-Hari.

Que concluir daí?
Eu, ainda não concluo nada. Mas haverá sujeitos mais curiosos do que eu, capazes de um julgamento mais duro do que o meu, e cuja impressão final, será a de que Patrocinio Filho não só não conheceu de amor a Matá-Hari, mas também, nunca jamais viu sequer...

AÇÚCAR DIAMANTE

O MAIS PURO
O MAIS ALVO
O MAIS SECO

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL:

Companhia Geral de
Melhoramentos
em Pernambuco

ESCRITORIO: RUA DO BRUM, 85 — CAIXA POSTAL 257

RECIFE

INSCRIÇÃO N.º 64 — RIO FORMOSO

PERNAMBUCO

O ÚLTIMO PETRARCA

MUCIO LEÃO

Nilo Bruzzi acaba de publicar um livro cheio de sugestões — *Último Petrarca*. É sobre ele que eu quero hoje conversar com a minha leitora predileta.

Trinta anos. Júlio Salusse e Nilo Bruzzi estiveram ligados em uma encantadora amizade. Havendo, embora, entre os dois, grande diferença de idade — Salusse era de 1877 e de 1897 — compreendiam-se e estimavam-se da maneira mais profunda. Sentiam-se como irmãos e realmente irmãos, irmãos na mesma infinita fraternidade que é aliás a mesma fraternidade entre os homens.

As aproximações essenciais e as diferenças salientes no temperamento diferenciavam-se no felício do espírito, de amizade, talvez de amor, que é a outra face da fraternidade. Nilo Bruzzi sendo todo expansivo, todo entusiasmo, todo capacidade de comunicação com os outros homens.

Porém, em sua infinita devoção pela literatura, na igualdade de orientação que buscavam no infinito amor a tudo o que constituía o seu mundo de poesia e de sonho.

Porém, em sua infinita devoção pela literatura, na igualdade de orientação que buscavam no infinito amor a tudo o que constituía o seu mundo de poesia e de sonho.

tendo sido nesse amor rival vitorioso de princípios e de fé... Durante sua permanência em Paris, teve salustiosos ocasiões de fazer amizades com escritores e com homens de letras de poetas fama. Relacionou-se, por exemplo, com Emilio Zola e com Antônio Daudet. E pena que não possamos conhecer, de maneira mais ampla e mais completa, como se desenvolveram, nem até onde se estenderam essas amizades. A amizade com Antônio Nobre, por exemplo — poeta que, pela língua e sobretudo de nós — de que graú teria sido tudo pela sensibilidade, está tão perca? Teria havido alguma correspondência entre ele e Salusse? Se a houve, onde estarão os preciosos documentos que a constituam?

Não é, porém, apenas o que Nilo Bruzzi nos conta diretamente sobre Júlio Salusse sobre a vida e a inspiração desse poeta, que nos prende e nos interessa neste livro. Acham-se nele informações que se prendem a outras figuras, a outros temas, informações que são repletas de interesse.

Vemos aqui, por exemplo, que na fonte da família do poeta dos *Cismes* se encontra um herói de Napoleão — o capitão Guillaume Marius Salusse. Tomou ele parte na batalha de Trafalgar, e viu ali destruída a esquadra em que Napoleão punha tantas esperanças. Viu, mais tarde, a queda definitiva do seu ídolo.

Quando se fechou a idade heroica da França, com a morte de Bonaparte, o capitão Salusse resolveu entrar para a marinha mercante. Era logo em 1823, e ele fez a sua primeira viagem para o Brasil. Aqui chegou gravemente doente.

Por esse motivo abandonou o navio e, na convalescência, ficou em Friburgo. Ali veio, afinal, a constituir família, sendo Júlio Salusse um dos seus netos. Outro dos muitos netos do capitão Guillaume Marius teve o nome de Pedro Eduardo Salusse. Era, como o seu sobrinho Júlio, uma doce e delicada sensibilidade artística. Mas não se aplicava a poesia, senão a pintura. Aos vinte e poucos anos, estando a estudar na Bélgica, obteve na exposição de Antuérpia uma medalha de ouro. Era um pintor de exímias qualidades, e estou informado de que em casa de sua filha (creio ser a única sobrevivente direta d'ele) existe ainda hoje, em um pequeno gabinete valiosíssimo do laresado pintor. Chamam a atenção dos que se interessam pelos assuntos da história da arte em nosso País — e especialmente a de Rodrigo Melo Franco de Andrade e a de seus companheiros, os que constituem a equipe do serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — para esse pintor até agora esquecido, mas sobre o qual Nilo Bruzzi veio projetar luz tão bela.

São revelações, podemos quase dizer. E não será sem oportunidade lembrar certo dom que possui o autor desta monografia: a capacidade de encontrar, como temas laterais dos temas de que está tratando, assuntos de mais alta importância, que muitas vezes passam despercebidos a aqueles mesmos que se acreditam donos das especialidades...

Lembrarei, por exemplo, que em seu último livro, no livro sobre Calisto de Albuquerque — que tanto grito, tanta lágrima, tanto suor, tanto ranger de dentes suscitou — Nilo Bruzzi toca, de passagem e incidentalmente, num grande assunto de nossa história sociológica — a contribuição que para a civilização brasileira trouxe o caixeiro viajante. Vimos, naquelas páginas, como essa contribuição é enorme, é de um âmbito vasto, que interessa a toda a nacionalidade. E, contudo, quem sabia, não tinha sido visto por Oliveira Vianna, nem por Gilberto Freyre, nem por nenhum outro dos mais argutos especialistas de tais estudos.

Com a mesma novidade de verdadeiras revelações aparecem agora, nas páginas de *Último Petrarca*, as informações a que me refiro — aquelas que se prendem ao capitão Guillaume Marius e ao pintor Pedro Eduardo.

Chama de um interesse anoso ainda mais palpitante, não, porém, as notícias que se prendem a como Laura Nova Friburgo, que como hoje todos sabemos, foi a inspiradora do belo soneto dos *Cismes*.

Essa é, também, uma revelação que inteiramente pertence a Nilo Bruzzi. E se a não referi antes foi porque os leitores deste livro já estão habituados a ela, uma vez que Nilo Bruzzi não-lhe dava já na primeira versão do seu estudo, no momento em que o estampava no *Journal do Comércio*. Aqui, no livro, há, entretanto, relativamente a dona Laura de Nova Friburgo, uma novidade que para nós tem o maior interesse: é o retrato da moça. Vemo-la, a doce e formosa moça, aos seus 17 anos de idade. Veste o seu elegante vestido de cintura alta na fotografia é da última ou da penúltima década do século passado), traz um regão mágico sobre os ombros, e nos punhos ostenta duas pulseiras de ouro. Na frente, entre os braços negros, exibe uma jóia — uma jóia que ali brilha como se fosse uma pequena coroa de princesa.

Tal é a imagem dessa delicada Laura, a inspiradora do Petrarca brasileiro, a musa feliz que para todo o sempre há de ficar incorporada ao encanto útil da poesia de Júlio Salusse, como o símbolo da mocidade, da graça e do pássaro.

UM LIVRO DE VERSOS

Carta de Murilo Araújo a Mucio Leão

Mucio Leão,
Poeta ilustre e querido amigo —

As várias e numerosas peças líricas que você encerrou no envelope branco das "Poesias" nos mostram agora totalmente a expressão menos frequente ou mais velada de seu rosto intelectual — a do Poeta. Estamos habituados a vê-lo na atitude austera e impassível do crítico; com o vago sorriso intencional do cronista; ou na meditação placida do historiador. Agora o vemos de olhos mergulhados no azul em momentos de vaga tristeza ou de iluminação interior. E está tão bem nesse retrato de espírito como em qualquer dos anteriores. Já havia lido alguns de seus poemas esparsos. Mas, sem ter visto ainda nenhum, já lerá admirando o poeta, tendo apenas pensamento. Agora, do volume que acabo de ler, surge diretamente essa alma lírica, surge a lampada que preside a todos os labores de sua grande oficina. Ali estão belos versos brotados de um belo coração. Quanto ao senti-

mento — vi que nessas páginas — quasi trinta — não há nenhum passo torpe ou mesquinho; e a pureza daíana é uma das virtudes da água de Castália. Quanto à forma — encontram-se a harmonia de um artista que primeiro dominou todos os recursos de seu instrumento de expressão para depois modelar nele as inflexões de sua sensibilidade. Como foi escrito vida afóra, em épocas diversas, o livro muda de técnica e varia de escolas. E que importa que vá do soneto à sonata? Passa-se do manso arroulo simbolista de "Noturno N. 2" às estâncias regulares e clássicas ou aos poemas simfônicos, no ritmo novo, como "O Escabele da Musa", emalhadura brilhante de imagens, ou "Néscia", sucessão luminosa de formas flutuantes. Nos sonetos combinam-se com esclarecida liberdade, metros vários, raxando-se com felicidade um alexandrino ao verso heroico. O próprio deslocamento da tônica é usado como recurso expressivo, como naquele ondulante alexandrino final:

"Conta-a, lembrando as lendas (que passaram E as saudades das Seretas e das Ondinas...")

Ou ainda: — "Lá, sob o manto constelado e louro Da suave Mãe dos eternos perdões",

em que o glaze da acentuação dá energia ao segundo verso. E resultaram magníficos vários desses sonetos como "A Noite dos Mortos" ou "A Poesia

IN MEMORIAM

DE

FRANKLIN DELANO ROOSEVELT

I

Aquietai-vos, pássaros, aquietai-vos.
Franklin Delano Roosevelt morreu!

E o mundo que ele amou e já estava colhendo as flores da esperança e a esperança da paz, converteu-se, de pronto, num tempo imerso, um tempo onde um órgão intangível, sob o gênio de Mozart preludia a lembrança dos que haviam morrido. Um adeus que é "até breve" ao seu líder — estréla que, fugindo no céu das três Américas, nortou os destinos dos países do mundo.

Ventos fortes de sul, aquietai-vos!
Franklin Delano Roosevelt morreu!

E há tristezas rolando como seixos rolados pelas águas profundas do Mississippi, pelas águas docentes dos grandes lagos e no antigo fragor de Niagara Falls. Há tristezas nascendo como lagrimas puras nos olhos dos meninos paralisados os mesmos que não de inquirir!

"Quando volta o anigo e mais querido e mais velho aquele de riso franco, que tinha as pernas presas como nós?"

Há tristezas brotando nos campos silenciosos das Apalaches de Virgínia, e do arroulo asiático, e dos trigais soviéticos renascidos pela convicção de "ser" da nova Rússia.

Há tristezas dobrando no fêbre de cada um

II

O negro Joe, do Alabama, disse apenas: "My goodness" e auscultou do tempo e nem viu onde estava porque teve a impressão que Deus tinha morrido, porque teve a impressão que Deus tinha morrido. Já o sardento cabo Grant, comendado por heroísmo, no cerco de Manila, sentiu atordado: "Parece que entendi mal... Não pode ser. Não acredito. Ele está vivo". E, ao tentar libertar-se de um círculo de assombro? "Será verdade? Terá mesmo acontecido?"

Quanto a Mc. Cormick de San Francisco, que perdeu dois bisnetos nesta guerra, e para quem a vida já não tem valor, murmurou, através de uma zebra de fronto: "Por que não foi a mim que escolheste, Senhor?"

Para que dizer mais se o negro Joe, o cabo Grant e a velha Mc. Cormick expressaram as reacções de toda a humanidade?

Para que, se ninguém perguntou, ainda hoje: "Por quem os sinais dobram?"

III

Ele era um bom. E era justo. E como Cristo, também fez, em Yalta, a sua última ceia onde distribuiu o pão da sabedoria e o santo vinho da fraternidade. Ele era um bom. E era justo. E como Cristo, teve uma graça: a da Ressurreição.

Por isso, embora os séculos possam, na onda inexorável de glória e destruição, sua memória há de brilhar tão pura como a estréla-guia, que, do céu da América, marcará todos os povos oprimidos, para o minuto da libertação, para o momento da fraternidade!

SONATA AO LUAR

Há tanto luar lá fóra... tanta beleza, tanta! E o Guicciardi é linda. (Não nasce uma santa!) Ainda, ostem, ac inclinar-se — botão de flor agreste — Beijou as mãos de leve, murmurou: "Caro mestre..."

Um mestre, um grande mestre! O seu drama, afinal. Consta em ser feio e apenas, gentil... Divinizara a música no milare do seu. Mas o povo dizia: "E' o arido de Bonn..."

Lembra a Guicciardi... essa doce emoção vem da lembrança dela ou de seu coração? Sonha... enquanto o silêncio, colhendo o último riso,

sugere, toralmente: "Professor, um improviso..." E contendo, ao piano, a tristeza de amar — ele compõe o "Adiô" da "Sonata ao Luar".

Eterna" que se fecha com a simplicidade lapidada de um pórtico belíssimo: —

"Quem poderia, deslumbrada-mente, Ouvir os poemas, os supremos hinos De Voz que, eterna, entra as estrelas cantando?"

Mas o gênero mais próprio para a natureza espontânea, como a sua, será o canção "As Três Moças"! Essa, se foi musicada, fez sucesso na certa. E a arista para antes que é a "Canção das Moças Afogadas", singela como uma tonça de pescadores! Quando lá

seu livro, rei algumas das "Poesias Recolhidas", de Manuel Bandeira, e numa nota crítica, poemas recentes de Olegário Martins, lindos por sinal. E chegou à conclusão: de chilregreço, de short existencialista ou não — a Poesia é a mesma menina, sempre jovem e adorável. E não alongo mais esta carta, sem intenções literárias. Eu aqui está apenas como testemunha inútil do interesse e prazer com que li seu livro. E teve por principal motivo agradecer-lhe o encanto de ler bons versos conversando com um bom amigo. Um abraço fraterno do seu grato e cordial, (o) Murilo Araújo".

Stella Leonardos da Silva Lima Cabassa

Stella Leonardos da Silva Lima Cabassa nasceu nesta cidade, a 1 de agosto de 1928, e é filha do dr. António Casiano da Silva Lima e D. Alice Leonardos da Silva Lima. Descende de uma família de poetas e escritores; sua avó materna é nete de Joaquim Norberto de Souza e Silva e de António Vieira dos Santos, historiador pernambucense; o avô, Henry Leonardos, que tanto o estimou, era escritor.

Estudou como autista e agora de teatro ainda no jardim da infância, na festa escolar do fim do ano. Aos treze, melhora seus cadernos de rimas, e, em vez de estudar Física e Química, escrevia um romance que rasgou, mais tarde. Duas vezes se preparou para o exame vestibular da Faculdade Nacional de Filosofia, no curso de História, mas teve medo que o magistrado a desviasse do caminho traçado e desistiu. Aos quinze começou a estudar Tupi, por auto-educação; diplomou-se em doze dias, aproveitou-se em inglês e francês, traduziu duas antologias e viu sua primeira poesia *Scandalo*, publicada no "Pau-Fei". Mudou-se em seu pai, sem que o autor e o sr. de Moraes, e BASTOS TORRES inauguraram com ela uma coluna semanal chamada "Valores Novos".

Casou-se em Alejandría José Cabassa, português de origem latina. Em 1948 viveu no México, onde fez cursos de Espanhol e literatura hispânica-americana, e nos Estados Unidos, onde tomou parte num congresso em Bryn-Arlyn, Primmyvania, representando o Brasil. Foi em 1947 conferencista sobre diversos países sul, centro e norte-americanos.

Em 1949 participou em festas do Rotary Clube em comemoração ao quarto aniversário da ONU, tendo sido distinguida para ler um poema especial para aquela data, em foi desfraldada pela primeira vez a bandeira das Nações Unidas no Brasil, pelo Presidente da República, durante o banquete no Automóvel Clube. É sócia do PEN Clube e da Associação Internacional de Poetas, de Montevideo.

BIBLIOGRAFIA DE STELLA LEONARDOS DA SILVA LIMA CABASSA

- *Passos na areia* — Poemas — 1940.
- ... E assim se foram a vida inteira — Juntas tristes e em decomposição — 1941.
- *A Grande Viagem* (Poema sobre a bandeira de Raposo Tavares) — 1942.
- *Flama sagrada* (texto em alexandrinos sobre os frutos de Inconfidência e o côete português no Brasil) — 1943.
- *Triplicia Biográfica* — 1944. (São três volumes de teatro em verso; *Mercê*, *Palmeiras* e *Rafael* ao longo um tempo, respectivamente sobre as vidas de Gonçalves Dias, Castro Alves e Bilac). Com eles, a autora obteve o Prémio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras. Estas peças foram radiodifundidas pela Rádio Mayrink Veiga e a Rádio Ministério da Educação, sendo que em 1946 o "Teatro do Estudante do Brasil" levou à cena *Palmeiras*, no Teatro Municipal do Rio, acompanhado de bailarões, cânticos e inauguração no país o "Teatro Experimental do Negro".
- *Festa da Vitória*, apoteose em alexandrinos. — 1945. Foi combatida em homenagem às nações vítimas do Eixo, e recitado, na festa cívica promovida pelo Rotary Clube do Rio de Janeiro, no Teatro Municipal.
- *Galos e Clarins*, Teatro.
- *Narracões* — Idem — Com música de Estácio de Carvalho.
- Foam ambas representadas nos teatros municipais de Rio e São Paulo, e nelas a autora atua feita comare.
- *A terra canta* — 1946. É um poema épico em três partes; *Tupretama* (o Brasil Indio), *Se for livre* (espéculativa nativista, da época dos embóabas), e *Célio e Maria* (episódio épico-lirico do tempo de Cabassa), feito de sua obra poética naturalista, que faz com que Bellião de Souza e Ruy Bliem a considerassem de poe, (da *do Brasil*).
- *Pela rotas das Américas* — 1947. São várias conferências pronunciadas no PEN Clube, Instituto Brasil-Estados Unidos e Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa.
- *Quando os coqueiros flocem* — romance — 1948.
- *Voz sola* ou *o sol de terra* — romance — está inédito.

POESIAS DE STELLA LEONARDOS DA SILVA LIMA CABASSA

CANÇÃO DE AMOR

Meu pensativo coqueiro!
 Que cantas tu, cantadinho,
 tu, cantor da beira-mar?

Do coqueiro o coqueiro cantava: — E' tempo de amar!

Meu pescador, meu lanqueiro!
 Que cantas tu, campanheiro,
 tu que lanças rede ao mar?

Colhendo o peixe, o praieteiro cantava: — E' tempo de amar!

Meu albatroz camanheiro!
 Que cantas tu, passageiro,
 tu que voas sobre o mar?

O albatroz aventureiro cantava: — E' tempo de amar!

Meu solitário veleiro!
 Que cantas tu, marinheiro,
 tu que segues além mar?

O leve lagunco, negro, cantava: — E' tempo de amar!

LENDA DA JACANA IAPUNA

Apiára, senhor da mata brava, tupi nativo de uma tribo escrava do tapuia para Terra toda festiva, celebrando-se um dia na floresta, perde o trilho do tabal!

O arco e a flecha retem na roçada e ao ar destaca alvejando um quail de voo alto. Eis que do céu vêm em socorro, num arco lançam, a vez humana!

Qual dardo de veloz strabacana, Apiára aparece na clareira,

Cuida pelo chão e cabeleira cor nas brumas da noite mais cerrada, uma indígena toca, desmaiada, jaz ferida no peito!

Da flecha, que a flecha reivindicou perdida, ve a fiável corer o rubro sangue. Em vão busca o tupi na face enxangue de triços e os sinais da sua gente: a pele, os dentes, o nariz e o queixo, e de boca dos gés que odia a briga...

Apiára, co' mpena da inimiga, desgrava a flecha e todo o sangue estanca. Emprega uma resina terna, branca, combatendo o veneno que se infiltra.

Busca o Xingú, as águas colhe e filtra nas penas de coar que então seceia, e num supremo esforço, yerter tenta gôta a gôta nos lábios do veludo, restando longo tempo, quando o mudo, ao lado da tapuia adormecida...

Jamais o caçador em toda a vida viu jussas de salte mais delgado, e leque de coqueiro mais fechado, que a comra dessa planta primitiva... Apiára á tapuia se cativa... Uma grande doçura aplaca a ira, do caçador das aves, mais perfeito que a flecha de Ruda lhe vara o peito, sufocando a vingança que o atira...

Nem casiri, que espuma o que enfiteja, ferve nas veias nesse ardor enorme! Contemplando a tapuia que ali dorme, o tupi mira os olhos, já tristonho, prevenido em sua vida... um grande sonho!

Apiára olha a branca lag cheia que rimama de jasper toda a areia do Xingú,

A tapuia não volta, mas a grande saudade de Apiára, taixinho entrôo o canto dessa dor...

Tão aborre à lembrança desse amar que a falta da tapuia torna amargo, Apiára não sente o tempo largo, um mudo pensar!

Talvez irmãs, essas duas esbeltas jagônias, vendes Apiára hóvel, compungido, vieram consolar o entristecido tupi! Ou não! Talvez que sendo amigas, elas falem de amores nas cantigas, como és, se pudesse, Isalaria.

De súbito porém despenha o dia, e do tupi, o olhar iluminado, acha a linda tapuia ali ao lado...

Estático a princípio, quedo, passmo, fala o indio com forte entusiasmo:

"A flecha de Tupá gelou os passos de Apiára, senhor de rijos braços, cusado matadór da bela caça, e filhe do tupi de nobre raça, por fado de Athangá do gó cativo."

Das armas que empunhou, possante, alive, a seta lhe escapou, cruel, certeira, e rápida a zunir, frechou ligeira, não o formosa guará da cor da avó, mas a grandeza gó que avista agui! Esse arco do tupi, jamais tenava, tapuia, é tu: desfocha neste escravo!"

"Quarda o teu arco! — dá a inda triste — A flecha que Apiára pôs em riste, não feriu a tapuia com male força, que a pirijá de espirito fez a corça a correr, distraída, na floresta. Os olhos da tapuia estão, em festa por ver o caçador, tupi valente!"

Parte, que abra de livre! E diabo, parte, parte-me como filha de pagé! Parte, Apiára, parte!... vai, mané!"

Apiára espantado e enovado dá a gó, que o livrando o fez vencedor: "Teu coração é doce, Irapá, e puro como a flor do gravatá que bebe a chuva — estas brenhas lava! Há três sóis, o tapuia, a tribo escrava busca a luta dos seus."

Nas grandes tabas e em ruidos videntes das jagabais; o trocico da tribo trová; a multidão dos membros proclamará, ao vento forte, a bendição da vitória! Se o tangemera gó, brenda incógnita, rolará pelo chão!

Mas Apiára que antes se levar a grande obra como Isala, o tapuia, e não estira!

"Juntas, tupi — responde-lhe a nativa — deixo a gó sua luz por guerra que não mostra coragem. Vai primeiro..."

Busca na flecha humar teu nome! Si Apiára aplacar da guerra a fome na luz das hétrés, até vencido o tapuia o terá por seu marido!"

O tupi, orgulhoso, de repente dá numa voz profunda, calma e quente: "Irapá!... Não és tupi no sangue, mas és tupi na audácia..."

Corre ao mangue escurado na floresta e o rio bntja, que e olhar de Apiára ali desejo te encontrar.

Si o tupi vencer a guerra, o budo sonará de terra em terra, proclamando a justiça já cumprida!

Mas o Tupá cortar a inutil vida do caçador, atra lá sua aguias, seu corpo trucidado, pois as mágnas, no rio que a corrente tanto apressa levarão pela adiva, mais depressa, seus gritos de dor...

Guarda a companheira de jagatá, rápida feticheira, si Apiára morrer... Mas si amanhã achar o companheiro, a jaganá do tupi, na beira do caminho, deixa que os jagônias construam ninho!" "Parte em paz Apiára, caçador da floresta!... Contigo vai o amor da tapuia!... Bendito foi o braço de Aplasa! Feliz será seu passo!"

Mal as sombras azuis das matas descerem e os gritos dos tumnos emudecem, as muitas clangoram pelas areis.

E' porcé, poema de jagares, das flechas e senhores e guerreiros, viada pela armos de estrangeiros, em pleno orgulho dessa raça nobre!

O euriano gene como um dobre, e dos tupis as bordas conflagradas, a encurar pelas moitas e picadas, a brandir o cruel, fatal escape.

Da luta não há gó que então se escape nesta hora de lutas e de mortes, em que são distantes as correes, que bravia dentro, desse ninho,

Costado da maloca sai um vulto rastejando de mauso pelo chão e buscando na noite a escuridão do Xingú!... É um vulto de mulher!

E' Irapá que a custo foge, e quer nessa rude empreitada não ser vista os olhos de Ibe turvam, quando avista Apiára lutando em duro embate.

O próprio deus parece do combate, tão heroico, pujante e destemido! Ele é o herói audaz, cruel, temido, o tupi que destrói dos gés a raça!

Tupá prevê logo a desgraça dos seus... Com sua amiga, a jaganá aduça...

Surge limpada a manhã!

A tapuia ouve um grito nesse instante. Vê, nas margens do rio, preto ardo, um escurido tupi desfigurado, empunhando o lanque empunhado rasgado pelo chão amarelado.

"Alguem que o tupi assim ferido e o valente Apiára, já sem sorte, deseja no momento a própria morte, que é terrível viver sem companheiro..."

Arresta a custo o corpo do guerreiro morto! Num grande esforço o lança a terra, afogando depois a própria magna no caudal!...

Mas o Intrépido Apiára, já corôpe o senhor da grande escura dos liberto tupis, avista a cena... Clinga a ver a tapuia que lhe acena, no delreido amado.

Desesperada, Atrai-o ao rio, que, enroscado, logo o entrega.

Esperado vai nos braços a formosa tapuia em cujos braços a placidez do sono se estampara...

Tarde demais... A Voz de Apiára, por tantos golpes dados se esgotando, a deixa...

Os se pobres mortos... vão balando...

Mas Ruda, deus do amor, compunha, adorna o sacrifício celebrado!

Leva os corpos às águas de um remanso, dando á tapuia o eterno sonho manso de uma estranha ninfeia que formosa, inda hoje floresce, majestosa, nos braços de Apiára, já folhagem!...

Es porque a nobre e grande flor adorna, bela Amazônia — trigin avulvada, como o bravo tupi e a linda gó, nas amplas folhas verdes amparada, e jaganá, lapuna, esse aguapé das brenhas dessa Terra vasta e inculta!

Nas noites tropicais úbriga e oculta nas hondonas das folhas espalmdas, as jagônias em cáldas moradas, envoltas no perfume dessa flor, encontram paz, doçura, ninho amoro!

A Labareda do Pecado

(Conclusão da página 116.)

— Eu não quero morrer!

Rrrá!
 A descarga.

O corpo trespassado pelas balas, deu, rompendo os laços e tombou, torante e ensanguentado.

Um argento abaixo-se, deu-lhe um tiro, para a acabar de vez, em plena floresta.

O sangue escorreu vermelho sobre a terra...

Mas a meus olhos atônitos, que o chão como si tudo se passasse ali, no meu encuculo, ela abstraiu-se á maneira do alho que se inflama e fica ardendo, á noite, á tons da água...

As labaredas colearam, rubras e empentinas crepitando em espiras diabólicas e ergueram-se como cobras em delicia, entaranhando-se enfiteando-se numa chama, que, afinal, era única e terrível!

Então, como sucede á salamandra, seu corpo se modelou dentro da chama, irradante e impecável como ourtara. O fogo a vestia toda, capadando!

E eu toda a noite a vi, e amei, e tive um pesadelo que me consumia, no separação silêncio da prisão...